

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



DISSERTAÇÃO

SIAMO TUTTI BUONI GIENTE: Do Grêmio Esportivo Flamengo à Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul.

Priscila Postali Cruz

**Orientadora: Profa. Dra. Eliane Ribeiro Pardo
Co-orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo**

**PELOTAS, RS
2010**

PRISCILA POSTALI CRUZ

DISSERTAÇÃO

**SIAMO TUTTI BUONI GIENTE: Do Grêmio Esportivo Flamengo à
Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul.**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Educação
Física da Universidade Federal de
Pelotas, como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em
Ciências (área do conhecimento:
Educação Física)

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Ribeiro Pardo
Co-orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo

Pelotas, 2010.

Dados de catalogação Internacional na fonte:
(Bibliotecária Patrícia de Borba Pereira CRB10/1487)

C957si Cruz, Priscila Postali

Siamo tutti buoni gente : do Grêmio Esportivo Flamengo à Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul /Priscila Postali Cruz ; orientadora Eliane Ribeiro Pardo; co-orientador Luiz Carlos Rigo. – Pelotas : UFPel : ESEF, 2010.

96 p.

Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em Educação Física. Escola Superior de Educação Física. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2010.

1.Futebol 2. Identidade Étnica 3. Ítalo-Brasileiros I. Título II.Pardo, Eliane Ribeiro III. Rigo, Luiz Carlos

CDD 796.33

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Eliane Ribeiro Pardo – ESEF\UFPEL – Orientadora

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo – ESEF\UFPEL – Co-orientador

Profa. Dra. Elizara Carolina Marin – ESEF\UFPEL

Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner – ESEF\UFRGS

Profa. Dra. Lorena Almeida Gill- Departamento de História e Antropologia

UFPEL

*Para estufar esse filó
Como eu sonhei
Só
Se eu fosse o rei
Para tirar efeito igual
Ao jogador
Qual
Compositor
Para aplicar uma firula exata
Que pintor
Para emplacar em que pinacoteca, nega
Pintura mais fundamental
Que um chute a gol
Com precisão
De flecha e folha seca*

Ó louro imigrante
Que trazes a enxada ao ombro...
Sobe comigo a este píncaro
E olha a manhã brasileira
Que nasce, por dentro da serra,
Como um punhado de cores
Jogado da Terra!

*Parafusar algum João
Na lateral
Não
Quando é fatal
Para avisar a finta enfim
Quando não é
Sim
No contrapé
Para avançar na vaga geometria
O corredor
Na paralela do impossível, minha nega
No sentimento diagonal
Do homem-gol
Rasgando o chão
E costurando a linha*

O meu país
É todo um rútilo tesouro
Nas tuas mãos
E a semente que aqui plantares
Será de ouro
No chão de esmeralda

Parábola do homem comum

*Roçando o céu
Um
Senhor chapéu
Para delírio das gerais
No coliseu
Mas
Que rei sou eu
Para anular a natural catimba
Do cantor
Paralisando esta canção capenga, nega
Para captar o visual de um chute a gol
E a emoção
Da idéia quando ginga*

*E terás, sobre o solo bravo,
Aberto em flor, a sensação, a graça,
De um descobridor*

*O Futebol (Chico Buarque)
Entrestrofes (Ode ao Imigrante – Cassiano Ricardo)*

DEDICATÓRIA:

A meus pais.
Por me permitirem chegar até aqui.
Este trabalho é fruto, também, de seus esforços.
Amo vocês!!!

AGRADECIMENTOS:

- A toda minha família: pai, mãe, irmã e avós. Pelo apoio, credibilidade e confiança depositadas em mim.
- Ao meu falecido avô Luiz Cruz. Por despertar em toda a família a paixão pela S.E.R Caxias.
- Ao Gabriel, meu namorado e amigo, por estar sempre ao meu lado e me apoiar durante este processo.
- Aos meus amigos e amigas, por entenderem minha ausência nesta fase.
- Aos meus mestres, Profa. Dra. Eliane Ribeiro Pardo e Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo, pelos ensinamentos e pelo apoio constante.
- Aos meus colegas de estudo e a todos que, de alguma forma, colaboraram para a construção deste trabalho.

Lista de Figuras:

Figura 1	Foto do primeiro time de futebol do Grêmio Foot Bal Juvenil	30
Figura 2	Foto da primeira equipe do Esporte Clube Juventude	31
Figura 3	Foto do embate entre Grêmio Foot Ball Juvenil e Serrano de Carlos Barbosa, em 1917.....	33
Figura 4	Foto da primeira diretoria da Liga Sportiva Caxiense.....	35
Figura 5	Foto da primeira equipe do Grêmio Esportivo Flamengo.....	41
Figura 6	Foto do Grêmio Esportivo Flamengo campeão da cidade de Caxias do Sul em 1947.....	58
Figura 7	Nota referente ao campeonato citadino de Caxias do Sul de 1947, publicada no jornal O Momento em outubro do mesmo ano	59
Figura 8	Foto da Ala Feminina do G. E. Flamengo em 1954	67
Figura 9	Charge publicada no Jornal de Caxias em 29 setembro de 1973..	71
Figura 10	Imagen da bandeira da Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul	76
Figura 11	Charge referente à conquista do campeonato gaúcho de 2000 pela S.E.R. Caxias. Publicada no jornal O Pioneiro em 8 maio de 2000	77
Figura 12	Foto referente ao embate realizado no Estádio Olímpico entre Grêmio F. B. P. x S.E.R. Caxias	78
Figura 13	Capa da edição de 17 e 18 de junho de 2000 do jornal O Pioneiro	79
Figura 14	Foto da torcida organizada da S. E. R Caxias (Falange Grená), acompanhando jogo do campeonato gaúcho efetivado na grande Porto Alegre	82
Figura 15	Capa da matéria publicada pelo jornal O Pioneiro (20, 21 de maio de 2000) de Caxias do Sul, enaltecendo os descendentes de imigrantes italianos e seu legado frente à sociedade	83
Figura 16	Foto de 07/12/2009. Rua do Rosário em Caxias do Sul. Referente ao movimento racista Orgulho Branco	89

Lista de Abreviaturas e Siglas:

- **14 de julho de Passo Fundo:** 14 de julho
- **Associação Caxias do Sul de Futebol:** A. C. F.
- **Esporte Clube Juventude:** E. C. Juventude
- **Federação Rio Grandense de Desporto:** F. R. G. D.
- **Federação Rio Grandense de Futebol:** F.R.G.F.
- **Grêmio Esportivo Eberle:** G. E. Eberle
- **Grêmio Esportivo Flamengo:** G. E. Flamengo
- **Grêmio Esportivo Fluminense:** G. E. Fluminense
- **Grêmio Foot Ball Juvenil :** G. F. Juvenil
- **Grêmio Foot Ball Porto Alegrense:** Grêmio F. B. P.
- **Liga Caxiense de Futebol:** L. C. F
- **Liga Sportiva Caxiense:** L. S. C
- **Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul:** S. E. R. Caxias
- **Sport Clube Ideal:** S. C. Ideal
- **Sport Clube Internacional:** S. C. Internacional
- **Sport Club Juventude:** S. C. Juventude

RESUMO:

CRUZ, Priscila Postali. *SIAMO TUTTI BUONI GIENTE: Do Grêmio Esportivo Flamengo à Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul*. 2009. 95f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS.

Partindo da concepção histórica Foucaultiana, este trabalho busca, através de metodologias advindas da pesquisa qualitativa, reconstruir a história da Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul. Atentado à relação do clube para com a construção identitária dos ítalos-brasileiros, procura mostrar a linha tênue entre a história da S.E.R. Caxias e os altos e baixos no reforço identitário deste grupo étnico. Tomando o futebol como uma prática híbrida e representante da identidade nacional, torna-se necessário considerar as intensas representações que o envolvem no que tange ao reforço de diferentes etnias que compõem a nação brasileira. Especificamente em Caxias do Sul, esta prática foi apropriada de forma única pelos ítalos-brasileiros, que a inseriram dentro do contexto dos clubes sócio-recreativos. A prática do futebol, com certeza foi uma vertente muito utilizada pelos descendentes de italianos para a demarcação de seus costumes e valores morais e culturais. Devido à grande abrangência e popularidade desta prática, a possibilidade de ultrapassar as barreiras geográficas e culturais para o enaltecimento dos ítalos-brasileiros, era uma realidade. Do Grêmio Esportivo Flamengo à S.E.R. Caxias esta prerrogativa foi uma constante. Esta apropriação um tanto particular, fez do futebol em Caxias do Sul, especificamente, da S.E.R. Caxias, um marco identitário e mediador dos feitos positivos desta identidade. Criou-se, um vínculo direto entre o clube em questão e a identidade ítalo-brasileira, o qual é visível até hoje.

Palavras- Chave: futebol - identidade étnica – ítalo-brasileiros.

ABSTRACT:

CRUZ, Priscila Postali. *SIAMO TUTTI BUONI GIENTE: At Grêmio Esportivo Flamengo to Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul.* 2009. 95f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS.

Starting from Foucault's historical conception, this work aims, through methodologies coming from the qualitative research, to reconstruct the history of the Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul. Due to the relationship of the club to the identity construction of the Italian-Brazilian tries to show the thin line between the history of S.E.R. Caxias and the ups and downs in the identity reinforcement of this ethnic group. Taking soccer as a hybrid practice and representative of the national identity, It is necessary to consider the intense representations that involve it in what it in the reinforcement of different ethnic groups that the Brazilian nation is composed. Specifically in Caxias do Sul, this practice was appropriate in an only way for the Italian-Brazilian, that inserted it inside of the context of the recreational-member clubs. The practice of the soccer, was certainly a thread very much used by the descendants of Italians for the demarcation of their habits and moral and cultural values. Due to the great inclusion and popularity of this practice, the possibility to surpass the geographical and cultural barriers for the exaltation of the Italian-Brazilian, was a reality. At Grêmio Esportivo Flamengo to S.E.R. Caxias this prerogative was a constant. Such a particular appropriation, made of the soccer in Caxias do Sul, specifically of S.E.R. Caxias, an identity mark and mediator of the positive facts of this identity. A direct connection between the club and the Italian-Brazilian identity was created, which is even visible today.

Key words: Soccer – Ethnic identity – Italian Brazilian

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO:

1 Apresentação	14
2 Os caminhos da pesquisa e a busca pelas fontes	17

CAPÍTULO I:

1 Os imigrantes italianos e o nascimento da Pérola das Colônias	22
2 O futebol chega em Caxias do Sul	26
3 O futebol em Caxias do Sul nos anos 20 e 30	33

CAPÍTULO II

1 O aparecimento do Grêmio Esportivo Flamengo	36
2 O G. E. Flamengo entra em campo:	
2.1 O primeiro campeonato e a nova fase do futebol caxiense	40
2.2 A primeira conquista do campeonato citadino	45
2.3 O segundo campeonato citadino e o início da recessão no G. E. Flamengo	49

CAPÍTULO III

1. O retorno do Grêmio Esportivo Flamengo aos campos	55
1. 2 O tricampeonato citadino e o primeiro campeonato estadual	63
2. Do Grêmio Esportivo Flamengo à Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias:	
2. 1 Ala Feminina G. E. Flamengo: a participação das mulheres no clube	65
2. 2 A segunda grande crise financeira do G. E. Flamengo e a fusão com o E. C. Juventude: O aparecimento da Associação Caxias do Sul de Futebol	
	67

CAPÍTULO IV

1. A emergência da Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul	75
2. O campeonato gaúcho de 2000	77

3. 2009: derrota nos campos, vitória identitária	80
ÚLTIMAS PALAVRAS	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90

INTRODUÇÃO

1. Apresentação

Final do Gauchão de 2009, após nove anos a Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias (S.E.R. Caxias, antigo Grêmio Esportivo Flamengo – G.E. Flamengo) tem a chance de conquistar pela segunda vez o campeonato gaúcho. O rival: Sport Clube Internacional. As chances são mínimas, mas a vitória é possível. Entre os dois times, um acordo de cavalheiros firmado somente pela palavra. Dentro do acordo, dois jogadores de grande importância para a manutenção dos resultados do time grená¹ até então: o goleiro Muriel e o lateral direito Daniel, ambos emprestados pelo S.C. Internacional.

Trata-se de um acordo verbal. Legalmente, portanto, Muriel e Daniel poderiam disputar a partida. Mas não irão. [...] Se quiséssemos, poderíamos colocá-los em campo. Mas a palavra tem que ser maior. Nunca deixaríamos de cumprir o acordo – garantiu Voges (presidente do Caxias). (ZERO HORA, 14 abr. 2009)

Apesar da possibilidade legal de utilização dos jogadores, o presidente do S.E.R. Caxias afirma com todas as letras que “a palavra tem que ser maior”. Está em jogo muito mais que um campeonato gaúcho, estão intrinsecamente em questão os valores de uma identidade étnica pautada na moralidade.

É nato do futebol a existência de rivalidades que alimentam a todo o momento essa prática. Acima de tudo, as equipes buscam a vitória e, principalmente, títulos, deixando de lado, muitas vezes, preceitos morais afirmados socialmente. Entretanto, podemos analisar na afirmação de Voges a necessidade de conservação da palavra, traço característico da identidade étnica ítalo-brasileira² presente em Caxias do Sul.

¹ Grená é a denominação dada ao S.E.R. CAXIAS pela sua torcida. Deve-se ao fato das cores do time serem o azul e, predominantemente, o bordô (grená).

² A utilização do termo é tomada a partir da definição denotada por Maria Catarina Chitolina Zanini, na qual a autora analisa os escritos de Lorenzoni e Piezzobon. Nessa análise é colocada a questão da italianidade sendo formada a partir do encontro com a terra brasileira, mesclando-se o sentimento de pertencimento à pátria mãe Itália com a adoção da nova terra, da qual os imigrantes tornaram-se proprietários, o que os possibilitou o crescimento a que tanto almejavam e lhes era recusado pela madrepátria. Ver mais em Zanini, Maria Catarina Chitolina. **Um olhar antropológico sobre fatos e memórias da imigração italiana.** *Mana*, Out 2007, vol.13, no.2, p.521-547. ISSN 0104-9313.

Logo, a manutenção do acordo se sobreponha à disputa que estaria por vir em campo.

É inegável que o futebol difunde-se pela intensa representação da sociedade brasileira e da identidade nacional³ transmitida por ele. Entretanto, deve-se atentar às intensas representações que o envolvem no que tange ao reforço de diferentes etnias que compõem a “nação brasileira”. Mais especificamente, cito aqui o caso da relação futebol x imigrantes italianos na cidade de Caxias do Sul. Polos da imigração italiana⁴ como São Paulo e Rio Grande do Sul tiveram este esporte, tipicamente representante da identidade nacional, apropriados pelos imigrantes italianos como um meio de reforço e conservação de sua identidade étnica⁵.

A imagem que se tem dos imigrantes italianos que se instalaram no Brasil entre 1875 e 1890 emergiu com positividade. Este conceito de italianidade desbravadora, trabalhadora e cercada de preceitos morais, entretanto, foi demarcado por um processo de construção identitária permeado por altos e baixos⁶ frente à nação brasileira. A miscigenação dos costumes e a negociação entre a cultura herdada e os hábitos da nova terra foram uma constante nesse processo.

Ao chegarem ao Brasil, os italianos se depararam com diferentes adversidades. O clima, a geografia e, principalmente, a cultura alimentaram certo estranhamento entre os imigrantes e a terra. No entanto, a facilidade de assimilação

³ Roberto Da Matta, em sua obra *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*, discute as questões socioculturais inseridas no futebol opondo-se àquelas que sugerem esta prática como o “ópio do povo”. O autor explana tal prática como sendo uma forma de representação da população brasileira. Desta maneira, o brasileiro vê ali no meio de campo não somente uma partida de futebol composta por 22 jogadores e um árbitro, mas sim a representação de sua luta social diária, na qual se sobressaem ao mesmo tempo lutas coletivas e individuais, como as vidas em uma partida de futebol. A partir deste apontamento, o autor introduz e defende a idéia do futebol como representação social e identidade cultural do povo brasileiro.

⁴Para saber mais ver TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil.** 1. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1989.

⁵ Estudos como o de ARAÚJO, José Renato Campos. **O Palestra Itália e sua Trajetória: associativismo e etnicidade**, denotam a apropriação da prática futebolística pelos imigrantes italianos. O futebol integrou-se facilmente no cotidiano desses indivíduos como uma maneira de reforçar a etnia italiana e os costumes dessa classe de trabalhadores, que muitos preconceitos sofriam perante a sociedade em geral.

⁶ Ao chegarem ao Brasil, os imigrantes eram vistos pelo governo nacional como os desbravadores que alavancariam o desenvolvimento social e econômico do país, principalmente na região sul. Esta positividade, entretanto, deu-se até meados de 1938, quando os descendentes de imigrantes passaram a sofrer uma depreciação pelo povo e pelo governo brasileiro. Em 1942, o Brasil se agrupou com os Aliados, ficando contra o Eixo formado por Alemanha, Japão e Itália. Assim, os descendentes de imigrantes passaram a ser vistos como ameaça à nacionalidade devido à suspeitas de espionagem do governo italiano fascista da época (BERTONHA, 1997).

(ZANINI, 2007) fez com que, brevemente, aquele povo absorvesse a cultura local e se apropriasse desta para a construção de sua identidade ítalo-brasileira.

Neste processo de formação de uma identidade coletiva, várias foram as práticas realizadas. Os clubes sócio-recreativos se tornaram o principal espaço onde os valores sócio-culturais do imigrante eram construídos e demarcados. Dentro dessas instituições, os imigrantes realizavam modalidades como bailes, jogos e práticas de lazer. A partir dessas atividades, os ítalo-brasileiros foram delimitando sua identidade étnica e reafirmando seus valores morais, de trabalho e religiosidade.

O futebol, em especial, foi apropriado de maneira única por esse povo, tornando-se uma das principais práticas disseminadoras dos valores dessa identidade. Esta apropriação demarcadora das características étnicas do povo ítalo-brasileiro é ainda hoje representada pelos clubes locais da região de Caxias do Sul. Mas como se deu essa construção? Como o futebol, esporte que reflete principalmente a identidade brasileira, foi apropriado pelos ítalo-brasileiros? Que relações estavam colocadas entre a prática futebolística e a construção da identidade ítalo-brasileira?

Dentro de um contexto onde o mundo, cada vez mais globalizado, aflora para a desestruturação das identidades locais, o reforço de costumes e atividades que proporcionam a manutenção das tradições e da identidade de cada grupo tem sido uma prerrogativa (HALL, 2006). Considerando-se esses processos, é imprescindível tomar conhecimento acerca das diferentes identidades que tomam parte na formação da identidade nacional, especialmente a do Brasil.

O esporte, principalmente o futebol, tem sido utilizado como fator demarcador e expressivo da identidade nacional. Neste sentido, entender como ele foi, e ainda é, apropriado pelos diferentes grupos que juntos constroem a nação brasileira emerge como uma problemática essencial para esclarecer o quanto esta prática é híbrida e representativa da miscigenação de etnias que compõem o país.

Observando-se a importância dos vínculos entre o futebol e a construção da italianidade brasileira, este trabalho tem por objetivo verificar, através da reconstrução da história da Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul, como a

prática futebolística foi participante e colaboradora para a formação e demarcação da identidade do ítalo-brasileiro em Caxias do Sul. Para isso, me apropriei de técnicas e recursos metodológicos advindos da pesquisa qualitativa.

2. Os caminhos da pesquisa e a busca pelas fontes

Falar dos caminhos e (des)caminhos de uma pesquisa não é tarefa fácil. Como o pesquisador chegou ao tema? Como desenvolveu o trabalho? Que caminhos foram trilhados para se chegar ao resultado final? Sendo assim, serão explanadas aqui as opções metodológicas escolhidas, assim como o aporte teórico que dará sustentação para o desenvolvimento do trabalho. O alinhamento dessas duas perspectivas emanará nos caminhos percorridos durante o trabalho de pesquisa. As dúvidas, as dificuldades e as ligações que foram efetivadas durante essa construção aparecerão no torneamento da explanação.

A metodologia é encarada aqui como um leque que abrange as opções teóricas, a busca pelo material empírico e os métodos de trabalho desses dados para a construção de uma constatação baseada na história da S.E.R. Caxias. Em função da união desses fatores, haverá a indicação da metodologia acionada no decorrer do trabalho.

Já o tema da construção da identidade étnica dos ítalo-brasileiros em Caxias do Sul surgiu como uma vertente de análise do campo empírico que apareceu diretamente relacionada com sua construção histórica. Dessa forma, busquei fontes que dissessem respeito à relação da S.E.R. Caxias com tal construção identitária.

Esse caminho atenuou meus sentimentos e pressentimentos como pesquisadora. Sendo diretamente relacionado com minha história de vida (descendência, família, cultura), o trabalho tornou possível ao mesmo tempo responder questões étnicas e culturais ligadas à S.E.R. Caxias e proporcionar um enlaçamento com questões diretamente ligadas às minhas vivências. Nesse contexto, a relação direta com o trabalho permitiu a incitação de uma curiosidade que abriu espaço para a busca pelo material empírico e pelas respostas às questões levantadas durante o processo de pesquisa.

As fontes, tanto imagéticas como documentais, foram sendo coletadas como que numa rede que se entrelaçou no decorrer de todo o trabalho. Pautado na concepção de história foucaultiana que defende “o projeto de uma história geral, construída a partir das descontinuidades, das rupturas e do entrecruzamento de séries organizadas pelo historiador” (RAGO, 1993), o recorte deste trabalho emerge a partir de acontecimentos relacionados ao clube e não pelo fator temporal.

A fotografia é abordada aqui sob um ponto de vista ora “Studium”, ora “Punctum” (BARTHES, 1984). O primeiro baseia-se na perspectiva de que a busca pela imagem fotográfica realiza-se pautada em objetivos explícitos, tentando utilizar-se da fonte imagética como um meio de transmitir um conteúdo claro para o leitor. O segundo ponto de vista vai ao encontro das sensações trazidas pela fotografia. Nesse sentido, a imagem fotográfica é desvinculada de seu papel de mediadora e busca ser reconhecida como parte da realidade que lhe colocou à luz da existência.

A utilização dos jornais aparece como uma vertente importante para a construção histórica do trabalho. Por estar inserido dentro de um contexto sócio-cultural, esse tipo de fonte explana as relações de poder⁷ (FOUCAULT, 2006) existentes na época. Por esse motivo, os jornais apresentam algumas limitações, visto que podem difundir os interesses ligados ao grupo político ou ideológico ao qual pertencem. Sendo assim, foram usados jornais de diferentes vertentes políticas alinhados a fontes imagéticas e a atas e documentos do clube.

Inicialmente realizou-se uma entrevista com o torcedor e responsável pela organização do arquivo do clube. Essa entrevista norteou a busca de documentos, fontes imagéticas e jornais que tratasse de fatos que levaram à fundação do clube e esclarecessem seus primeiros anos de existência. A procura por essas fontes foi incitando algumas curiosidades natais do futebol em Caxias do Sul. O forte vínculo com os clubes sócio-recreativos e com particularidades da identidade dos ítalo-brasileiros era visível, o que alimentou a necessidade de construção de um capítulo que explanasse o início dessa relação. Assim iniciou-se uma busca por fontes que pudessem evidenciar como se dava tal vínculo.

⁷ Maiores apontamentos sobre as relações de poder em: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 22. ed. São Paulo: Graal, 2006.

A procura pelo material guiou um encontro com uma fonte especialmente interessante: os escritos de João Spadari Adami⁸. Descendente direto de imigrantes e nascido em 11 de janeiro de 1897, Adami vivenciou diretamente a relação entre a prática futebolística e os clubes sócio-recreativos, tendo participado do primeiro clube de futebol caxiense.

Tomado como patrimônio cultural da cidade, o documento escrito por Adami assume uma importância histórica muito forte. Nele está colocada a história do município narrada sob a perspectiva do principal jornalista e memorialista da época. A narrativa é pautada nos feitos positivos deste grupo étnico, enaltecendo-o como desbravador e impulsionador de desenvolvimento econômico e social frente ao estado. Esse fato acaba por limitar o registro de Adami, visto que desvia o olhar de possíveis processos negativos relacionados aos ítalo-brasileiros. Ainda assim, assume importância, já que predomina a visão de um ítalo-brasileiro que viveu e sentiu todos os processos de construção identitária da época.

Desta maneira, a narrativa, escrita a partir de experiências próprias e recortes de jornal, pôde sustentar a construção do primeiro capítulo. Os escritos de Adami (1966) trazem à tona algumas respostas em relação ao objetivo principal da primeira parte desta pesquisa: entender o nascimento da cidade de Caxias do Sul e as principais práticas sócio-culturais realizadas até o nascimento do futebol e seus primeiros clubes na cidade.

Logo, as discussões sustentadas no início deste trabalho tornam-se interessantes e fundamentais para entendermos os capítulos subsequentes. Partindo do pressuposto que a unidade coletiva manifestada hoje pelos ítalo-brasileiros iniciou-se a partir da chegada em solo brasileiro (ZANINI, 2007), é imprescindível discutir e deixar claro como se davam as relações entre os imigrantes italianos na sua terra natal. Dessa forma, o primeiro capítulo discute também o contexto em que vivia esse grupo na Europa à época da imigração, fazendo um contraponto com as vivências em território brasileiro.

⁸ Trata-se de um documento escrito de próprio punho pelo autor em forma de diário. Esse documento teve o início de sua construção datado de 1931. O material foi editado posteriormente dando origem a um livro com poucas publicações. Devido ao acesso restrito à obra original (arquivada no Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul João Spadari Adami), utiliza-se aqui a publicação datada de 1966.

O segundo capítulo é estruturado a partir da fundação do Grêmio Esportivo Flamengo (G.E. Flamengo) até seu período de declínio frente aos campos. As datas escolhidas para a reconstrução desta história foram selecionadas partindo de fatos relevantes do passado do clube e considerando a relação direta com o contexto no qual se encontravam os ítalo-brasileiros. Dessa maneira, foram escolhidos os anos de 1935 (ano de sua fundação), 1937 (ano em que o G.E. Flamengo conquista seu primeiro campeonato citadino) e 1942 (data em que o clube conquista seu segundo campeonato na cidade e entra em recessão).

O material coletado para a construção dessa etapa baseou-se essencialmente em publicações dos principais jornais da época (O Momento, A Época, A Tribuna e O Brazil), nas atas do clube e em documentos da Liga Sportiva Caxiense (L.S.C., que se tornaria Liga Caxiense de Futebol – L.C.F. – em 1941). Todo esse material foi adquirido junto ao Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.

O capítulo três acena para o retorno do G.E. Flamengo aos campos e seu tricampeonato citadino e primeiro campeonato estadual, após a primeira grande crise financeira. Neste período, mais precisamente em 1948, surge a Ala Feminina do clube. Dessa forma, tornou-se interessante efetivar uma breve discussão acerca do papel da mulher dentro do G.E. Flamengo. Essa discussão aponta para a ligação direta dos valores morais, religiosos e familiares dos ítalo-brasileiros para com o clube Flamenguista.

Essa parte da pesquisa é finalizada a partir da segunda grande crise financeira do G.E. Flamengo, a qual deu subsídio para a emersão da Associação Caxias do Sul de Futebol (A.C.F.), equipe fundada pela união dos departamentos futebolísticos de dois arquirriva: G.E. Flamengo e Esporte Clube Juventude. Essa fusão representa a força com que a construção identitária ítalo-brasileira acenava dentro do contexto futebolístico. A rivalidade histórica entre os dois clubes se sublimava frente à necessidade de enaltecer a cidade através do futebol.

É interessante ressaltar que nesse momento do trabalho é reforçado o vínculo do clube com a condição sócio-política em que se encontravam os ítalo-brasileiros. As duas grandes crises financeiras ligadas à equipe Flamenguista tiveram ligação

direta com os períodos em que a construção identitária dos ítalo-brasileiros se encontrava enfraquecida por conta do Estado Novo getulista (1937-1945) e da Ditadura Militar (1964-1985).

Assim como no capítulo dois, a explanação dessa terceira parte deu-se através do alinhamento de recortes de jornais, atas do clube e fontes imagéticas com o aporte teórico. O material empírico foi coletado junto ao Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul, à S.E.R. Caxias do Sul e a torcedores do clube.

O quarto capítulo ocupou-se de explanar a transição do G.E. Flamengo para S.E.R. Caxias, analisando as questões intrínsecas ao clube para tal mudança: o que levou a esta mudança? Como foi escolhido o nome? Que indicadores dentro do clube representavam ou não a identidade étnica ítalo-brasileira?

Ainda nesse caminho, analisou-se, após a emersão da Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul, as conquistas e as derrotas mais importantes na história clube e a representação e relação que tais processos tiveram com a afirmação dos descendentes de imigrantes na cidade.

Ao longo do trabalho optei pela não utilização da fonte oral⁹ como meio de pesquisa devido à escassez de depoentes vivos. Além disso, acredito que o alinhamento de documentos (da Liga Caxiense de Futebol e S.E.R. Caxias), atas do clube, jornais e fontes imagéticas deram conta de abordar a proposta do trabalho. De posse desse conjunto de dados, houve recursos suficientes para reconstruir o passado¹⁰ do clube e para analisar as representações e significados que a prática futebolística adquiriu junto à população de imigrantes italianos que habitavam a cidade na época e que até hoje mantêm acesos os costumes e as características desse grupo étnico frente à cidade e ao futebol atual na região.

⁹ O depoimento oral utilizado no segundo capítulo do trabalho foi cedido pelo banco de memória do Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul. Trata-se de uma entrevista realizada em 23/08/1988 e arquivada para utilização em fins acadêmicos.

¹⁰ O termo “reconstruir o passado” é adotado por Olga Von Simson. A autora afirma que não é possível trazer o passado à tona de modo fidedigno ao que já sucedeu, desta maneira, o que ocorre é uma reconstrução do que passou e não uma construção. Ver mais em: SIMSON, Olga, Von. **O Samba Paulista e suas Estórias**. Sarao: Campinas. V. 3, n. 2, p 1 -12, 2004.

CAPÍTULO I

1. A imigração italiana e o nascimento da “Pérola das Colônias”

Em função da política de emigração instaurada pelo governo da Itália, em meados dos anos 80 do século XIX um grande contingente de imigrantes italianos se instalava no Brasil. Esses imigrantes eram parte de um processo de afinidade entre a Itália, que tinha interesse comercial e de expansão cultural, e o Brasil, que necessitava de mão-de-obra para manter as atividades econômicas nacionais, sustentadas basicamente pela produção cafeeira (BERTONHA, 1997).

Ao chegarem ao Brasil, os grupos de imigrantes italianos, em sua maioria, instalaram-se nas regiões sul e sudeste do país (BERTONHA, 1997). Inicialmente a ocupação se deu no estado de São Paulo e, logo após, nos estados da região sul, principalmente o Rio Grande do Sul.

Em 1875, chegam os primeiros imigrantes ao estado gaúcho, fundando, inicialmente, as colônias de Campo dos Bugres, Dona Isabel, Conde D'eu e Silveira Martins¹¹. A colônia de Campo dos Bugres¹², especificamente, foi colonizada por locais advindos da Itália e Tirol Trentino (ADAMI, 1966).

Quando aqui se estabeleceram, os imigrantes encontraram muitas dificuldades como o terreno, formado por montanhas, e o clima nada ameno da região. Em poucos anos, porém, os italianos transformaram a serra gaúcha em ícone de prosperidade no estado. A colônia do Campo dos Bugres, que mais tarde

¹¹As referidas colônias deram origem, respectivamente aos seguintes municípios: Caxias do Sul, Flores da Cunha, Farroupilha e São Marcos; Bento Gonçalves; Garibaldi e Carlos Barbosa; Silveira Martins, Ivorá, Nova Palma, Faxinal do Soturno, São João do Polenise, Dona Francisca e Pinhal Grande. Ver mais em: MARIN, Jérri Roberto. **"Ora et labora". O projeto de Restauração Católica na ex-Colônia de Silveira Martins.** 1993. 119f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

¹² Esta denominação deve-se aos primeiros habitantes da referida terra, os índios. Ao chegarem à terra destinada, os imigrantes italianos sofreram um estranhamento frente ao povo que ali se encontrava. Devido à cor dos índios, os italianos os chamavam de bugres, originando assim a primeira nomenclatura da colônia em questão: Campo dos Bugres.

foi nomeada Vila Caxias, tornou-se uma das mais prósperas, sendo apelidada de “Pérola das Colônias”¹³.

Essa habilidade em encontrar subsídios na terra que os acolheu para trazer à tona o desenvolvimento e os frutos desejados e não oferecidos pela pátria mãe acabou criando uma identidade étnica, que até então não existia na Itália. Essa identidade, porém, pode ser vista como transitória e em processo de formação na época, já que,

Para aqueles imigrantes que estavam em processo de enraizamento em solo brasileiro, definir-se não era algo tão fácil, pois fora aqui que haviam se tornado proprietários, sonho maior de todos. Contudo, muitas relações afetivas e de parentesco haviam permanecido na Itália. (ZANINI, 2007, p. 537)

Com a italianidade brasileira em processo de construção, muitos hábitos trazidos da pátria mãe se fundiam com os aspectos culturais encontrados na nova terra. Esse fator destituiu visivelmente o propósito do governo italiano de criar uma raiz cultural única no Brasil. Segundo Bertonha (1997, p. 107)

[...] a proteção e a tutela dos imigrantes e a tentativa de mantê-los ligados à Itália eram comuns à política italiana de então, mas foram de difícil aplicação no Brasil devido à pouca resistência dos italianos ao processo de assimilação e à escassa disponibilidade de meios à disposição do governo italiano para tentar detê-lo.

Esses processos de assimilação e construção de uma identidade étnica deram origem à formação e instauração de costumes próprios de cada grupo. A língua, os métodos de trabalho e as atividades de lazer, que envolviam jogos e brincadeiras, se tornaram marcas próprias dessa identidade, transparecendo a miscigenação cultural e, aos poucos, definindo os ítalo-brasileiros.

Dentro deste contexto de formação identitária, organizavam-se clubes e associações sócio-recreativas que objetivavam a manutenção e reforço dos hábitos que refletiam a identidade ítalo-brasileira. Esses clubes representavam também a sustentabilidade de um espaço sócio-cultural específico deste grupo.

¹³ A denominação “Pérola das Colônias” foi dada pelos imigrantes italianos representando o rápido desenvolvimento a que os mesmos conduziram a cidade. Esta designação também pode ser interpretada como um meio que os ítalo-brasileiros utilizaram para enaltecer seu trabalho e grupo étnico.

Para melhor conviverem entre os iguais, criaram as Sociedades de Mútuo Socorro. Essas sociedades tinham por objetivo prestar auxílio aos imigrantes, bem como manter vivos determinados vínculos com a madrepátria. (ZANINI, 2007, p. 532)

Como afirma Zanini (2007), as primeiras associações denominaram-se Sociedade de Mútuo Socorro e nelas era prestado auxílio em caso de doença e impossibilidade de trabalho. Além disso, essas associações possibilitavam o melhoramento material e elevação moral dos sócios e dos colonos.

Na “Pérola das Colônias”, especificamente, a Sociedade de Mútuo Socorro foi fundada no primeiro dia do mês de janeiro de 1887 com atividades benficiares, festas e danças. Logo após esse fato ocorreu um processo de emergência e proliferação de clubes esportivos e sociedades recreativas vinculadas aos costumes dos grupos ítalo-brasileiros. A efetivação da ligação necessária com a pátria mãe era posta em prática entre os associados em bailes, jogos e reuniões de grupos sociais. Muitas vezes, a prática de jogos e esportes influenciava a criação de alguns clubes, que utilizavam essas práticas para atrair os sócios. A realização daqueles, entretanto, dava-se também independentemente destas associações e, algumas vezes, era o jogo que demandava o surgimento de clubes recreativos.

As primeiras práticas recreativas que se tem nota de serem efetuadas na antiga Campo dos Bugres são a corrida de cavalos, o jogo da “mora”, o jogo de cartas, o jogo de bochas, natação e o Chinquinho¹⁴. A corrida de cavalos foi herdada dos indígenas que ali habitavam, anteriormente à chegada dos imigrantes italianos à região, transparecendo a assimilação facilitada que o colono tinha dos costumes da nova terra.

A fusão de culturas, portanto, ocorria de diferentes formas e estava presente não só em muitas práticas cotidianas, como também nos jogos e atividades recreativas exercidas pelos imigrantes. Mesclavam-se os sentimentos de pertencimento à pátria mãe com as novidades apresentadas pela nova condição, as quais eram absorvidas como um modo de sobrevivência e adaptação à nova geografia, ao novo clima e às novas manifestações culturais.

¹⁴O Chinquinho ou jogo “delle scaie”, como era chamado na Pérola das Colônias, era realizado de forma que o jogador se colocava em cima de um tabuleiro de madeira (colocado no chão) com o objetivo de atirar uma malha de ferro nos palitos situados no tabuleiro à frente no chão.

A apropriação de práticas esportivas e a transformação das mesmas para o reforço de uma identidade étnica vai ao encontro do conceito de esporte como o explicita Norbert Elias (1995), visto que o autor analisa-o como detentor de diferentes *ethos*, com particularidades a cada civilização. Tal concepção inclui o esporte não em um processo de evolução, mas sim de rupturas e apropriações. Essas apropriações diferem conforme o contexto social ao qual o esporte está atrelado. A prática esportiva é definida pelos preceitos sócio-culturais da sociedade e, por isso, está emaranhada aos conceitos de cada identidade e se vincula diretamente à sua construção.

A prática dos jogos era comum entre a população de imigrantes e, algumas vezes, conflitavam com regras morais da sociedade conservadora e religiosa dos colonos. O jogo da “mora”, por exemplo, foi proibido devido ao grande furor que causava na época, pois era

o mesmo que o jogo dos pauzinhos de fósforos, com a diferença que no jogo dos pauzinhos precisamos adivinhar a quantia deles, que estão fechados nas mãos, ao passo que na mora cada um dos jogadores e, simultaneamente, sita a quantia de dedos que vai lançar, com o número que julga que o outro lançará. (ADAMI, 1966, p.9)

Este jogo era exercido em pé ao redor de uma mesa e os jogadores gritavam os números, o que lhes causava muita sede. No entanto, ao invés de beberem água, bebiam vinho. Além disso, muitas brigas aconteciam por conta da rivalidade acentuada entre os praticantes. O jogo agitava e ajudava a transformar a rotina da pacata vila. Desta maneira em 26 de janeiro de 1897, foi expedido pelo Intendente um aviso de proibição ao jogo da “mora”:

AVVISO¹⁵

A norma degl'intendente faccio pubblico che, il signor Intendente, determinò la seguente resoluzione:

Verificandosi che il giuoco intitolado “Mora”, fú molte volte motivo de brigue e discordie, e talvolta anche di fatti criminosi, como lo fú pochi giorni or sono nella 1^a lega di questo município, dove sucesse um grave ferimento, causo detto giuoco, come provano le rispettive deligenze poliziali; l'Intendente, usando delle attribuzione che gli conferice l'artº 5º nº 7 della Legge nº11 del 4. Gennaio dell'ano passato risolvette proibire tale giuoco, sotto pena i contraventori, d'incorrere nelle pene stabilite nell'artº 135 del Códice Penale.

¹⁵ É interessante observar que a miscigenação de culturas e costumes que sustentaria as bases de formação da identidade étnica dos ítalo-brasileiros se dava também na linguagem. O referente trecho explana claramente esta miscigenação linguística. O idioma utilizado no aviso surgiu da fusão da língua portuguesa com a italiana, criando um dialeto próprio, que muitos descendentes utilizam até hoje na região de Caxias do Sul.

E perché sai ciò conoscenza di tutti, fú affissato il presente in luogo pubblico.
Caxias, 26 Gennaio 1897.

Firmato: José Cândido de Campos Junior.
II Secretario – Oliveira Sambaquy¹⁶. (ADAMI, 1966, p. 9)

A proibição do jogo da “mora” ocasionou uma transição nas práticas de lazer da cidade e, consequentemente, outras modalidades passaram a tomar maior presença no cotidiano da Vila Caxias. A bocha, a natação, o Chinquinho, o jogo de cartas, a ginástica e o jogo do Bolão eram avistados com frequência nos bares, nas associações ou nas reuniões de grupo de amigos (ADAMI, 1966).

O esporte foi uma constante no processo de formação da italianidade brasileira. Nos momentos livres, que eram reduzidos, o esporte se fazia presente e atuante na sociabilidade e no reforço identitário dos colonos. Através das práticas esportivas os colonos se projetavam frente ao Estado, pois o esporte trazia consigo a possibilidade de competições estaduais, as quais eram vistas como oportunidades de reforço da importância desses imigrantes nesta terra e possibilidade de disseminar os valores do trabalho, religiosidade, assim como os estatutos morais que circundavam essa identidade.

2. O futebol chega em Caxias do Sul

Desde a chegada dos imigrantes italianos até 1909, muitos jogos e práticas esportivas estavam emaranhados no contexto da cidade em que se desenvolviam. No entanto, até aquele momento não havia nenhum registro da prática do esporte tido hoje como “paixão nacional”, o futebol. “Até então somente se dava chutes em bolas de panos, laranjas verdes ou em bexigas de animais cavalar ou bovino” (ADAMI, 1966, p. 33).

¹⁶ Optou-se aqui por manter, no corpo do trabalho, o texto original em italiano. A tradução para o português segue a seguir: COMUNICADO: Sob normas da intendência, foi determinado em público a seguinte resolução: Verificando que o jogo chamado "Mora" foi muitas vezes motivo de briga e discórdia, e por vezes ainda feitoria criminosa, como foi a poucos dias na Liga 1 deste município onde se sucedeu um grave ferimento causado pelo jogo, como prova o respectivo diligente policial. A intendência usa de atribuição que lhe confere no Art. 5 N.7 da Lei nº11,4. Em janeiro do ano passado ressolveram proibir tal jogo sob pena aos contraventores, de incorrer as sanções de pena estabelecida no Art. 135 do Código Penal. E para que seja de conhecimento de todos, foi colocada em locais públicos. Caxias do Sul, 26 de janeiro de 1897. Assinado: José Cândido Campos Júnior II Secretário Oliveira Sambaquy.

Segundo fonte histórica advinda dos relatos de João Spadari Adami, um dos sujeitos que contribuíram para a difusão do futebol junto ao cotidiano da comunidade caxiense foi o Padre Stefano Minetti. Este foi um fator significante para a difusão do futebol na localidade, visto que a população ítalo-brasileira era munida de grande religiosidade e tinha a questão religiosa como um dos impulsionadores para seu desenvolvimento econômico e moral. Com sua disseminação, a prática pôde consolidar-se e foi gradualmente tomando o lugar daqueles esportes que, até então, exerciam supremacia na cidade.

Houve, certamente, uma apropriação do futebol pelo imigrante italiano. Essa apropriação, entretanto, deu-se de forma lenta, se misturando com os diferentes hábitos que circundavam a sociedade ítalo-brasileira. Inicialmente, a vestimenta causava certo estranhamento frente à população. Ao saírem na rua apenas de calção e camiseta, os jogadores eram ignorados pela população. De acordo com Adami (1966, p. 34), “por onde passavam, lhes fechavam na “lata” (grifo do autor), portas e janelas, como protesto por assim desfilarem pelas ruas da cidade e, em plena luz meridiana”.

Os primeiros registros de futebol na cidade datam de 1910, ano da chegada da ferrovia, fato este que elevou a Colônia Caxias ao patamar de cidade. Com o acesso facilitado à “Pérola das Colônias”, outros traços étnicos iam compor o quadro populacional, trazendo consigo diferentes culturas, costumes e práticas, que aos poucos iam se incorporando ao cotidiano.

A equipe primogênita de que se tem registro de fundação é o Sport Clube Ideal (S.C. Ideal), o qual, como registra *O Momento* (fevereiro, 1950), surgiu em 3 de outubro de 1910, não apresentando registros oficiais. O S.C. Ideal foi uma iniciativa um tanto isolada, porém, muito significativa numa cidade conservadora onde até então os principais esportes a serem disputados eram o jogo de cartas, o jogo da “mora” e o jogo da bocha. A instauração do S.C. Ideal acabou como o impulsionador e difusor da prática futebolística que, muito em breve, seria absorvida e disseminada como mais uma atividade de cunho social pelos clubes recreativos da cidade.

A primeira e única formação do S.C. Ideal foi composta por: Julio Ungaretti (primeiro presidente), Osvaldo Ártico (mirim), Auto Bragatti, Dário Ungaretti, Ângelo

Rossi, Clodoveu Zatti, Ricardo Pieruccini, Fiovo Serafini, Salvador Bonalume, Dino Cia, Alcindo Chiaradia, Clodoveu Gaviolli, Iram Picolli, Ricardo Bortolin, João Adami e João Furlan (ADAMI, 1966), grupo inteiramente formado por imigrantes.

O relato de João Spadari Adami (1966, p. 33) ajuda-nos a compreender em que condições o futebol era praticado na época pelos entusiastas do S.C. Ideal e a entender o impacto inicial dessa prática na cidade:

Os do Ideal fizeram seus primeiros calções com sacos de linhagem, que tiravam de seus progenitores. Pois se lhes pedissem numerário para sua aquisição, lhes era negado na certa. No fundo dos ditos sacos, eram feitos os buracos para passar as pernas, e, na bôca dos mesmos, amarravam uma corda qualquer, como se usa nos pijamas. Ficando, assim, equipados, pelo menos até que seus pais e mesmo a população familiar caxiense, se acostumasse ver guris ou adultos mesmo com pernas à vista do respeitável público.

Os primeiros jogos do S.C. Ideal eram realizados com a “gurizada” das diferentes localidades de Caxias do Sul e, mesmo sem estruturação de campeonatos, geravam muita rivalidade entre os disputantes. A principal disputa era pelos campos onde era possível realizarem-se as partidas. O principal terreno era situado em frente ao “Abrigo de Menores São José”.

Aquêle campo, no qual se podia jogar mais ou menos de acordo com as regras futebolísticas, que conhecíamos um pouco já, foi causa e teatro, mais de uma vez de bate-bôca entre o pessoal do Ideal e um grupo de guris caxienses que também batiam bola. [...] Tendo, algumas vezes, o pátio chegado a cantar entre os dois grupos antagonistas. (ADAMI, 1966, p. 35)

A duração das partidas dava-se até que um dos times marcasse 6 gols, o que levava, muitas vezes, uma ou duas tardes. “Se um jogador se sentisse cansado – coisa difícil de acontecer – cedia o lugar para um outro que estivesse assistindo a peleja com água na bôca de tanta vontade de jogar. Depois, pobre pelota...” (ADAMI, 1966, p. 36).

Além da prática do futebol, o S.C. Ideal promovia em sua sede “matinés dançantes”¹⁷ que mobilizavam os jovens da cidade. Essas matinés atraiam moços e moças de todas as partes da cidade e transpareciam alguns tópicos remanescentes na sociedade conservadora da época.

¹⁷ Os matinés dançantes eram uma espécie de baile dedicado aos jovens e se realizavam entre o meio da tarde e o início da noite.

[...] lembramo-nos perfeitamente em ter sido proibido, a um nosso associado tomar parte em nossas festas dançantes, enquanto não estivesse em condições de satisfazer o regulamento do clube, o qual era de existir entre o corpo dos bailarinos, o espaço mínimo de um quarto de metro e, o de manter, o cavalheiro, o corpo em atitude como se tivesse engolido, antes de entrar no salão, um reto e resistente cabo de vassoura. (ADAMI, 1966. p. 34)

O rigor de comportamento exigido dos jovens que participavam das festas é uma das práticas da época que revelam uma sociedade pautada fundamentalmente pelos valores da religião católica: a igreja regulava a vida cotidiana desse grupo, afirmindo valores de trabalho, de desenvolvimento e, principalmente, a moralidade. Esses traços foram fundamentais na construção da identidade étnica dos ítalo-brasileiros.

A religiosidade, naquele contexto, talvez tenha se tornado maior do que era na própria Itália, uma vez que por meio dela é que extraíam de si mesmos, forças para lidar com as adversidades cotidianas. Pelas crenças e pelos ritos religiosos lembravam-se de quem eram, de onde haviam partido e quais seus objetivos. (ZANINI, 2007, p. 531)

A prática do futebol, que iniciara causando certa descompensação nos moradores da cidade, se vinculava desde os seus primórdios às práticas sociais na cidade de Caxias do Sul. Assim, foi atraindo a atenção e se difundindo entre a população, passando a ser visualizado como mais uma ferramenta de construção e reafirmação da identidade dos imigrantes. Dessa maneira, o futebol se instaura no cotidiano da cidade, tendo sua história diretamente relacionada com os clubes recreativos de Caxias do Sul.

Como os clubes sócio-recreativos eram instituições que construíam e reafirmavam a identidade étnica ítalo-brasileira dos moradores da cidade, o futebol tornou-se mais um disseminador dos valores morais e da concepção de trabalho dos imigrantes que elevaram a Vila Caxias à condição de cidade. Acredito que o futebol foi apropriado pelos imigrantes de forma diferenciada e única. Viu-se no futebol, mesmo que subjetivamente, mais uma forma de, através das rivalidades alimentadas por esse esporte, reforçar a identidade étnica daquela gente que, na Itália, se encontrava tão desunificada. A necessidade de afirmar o imigrante como sendo próspero e representante de um futuro promissor em uma terra que desconheciam, fez do futebol uma das atividades mais promitentes na cidade de Caxias do Sul, juntamente aos clubes sócio-recreativos.

O Clube Juvenil (inicialmente criado para atividades de cunho social) foi o primeiro a ter registros significativos em relação à atuação futebolística em Caxias do Sul, após o S.C. Ideal. A formação do time de futebol do Clube Juvenil data de 1912, como destacou na época o jornal *O Brazil* (1912, p. 4):

Segunda-feira última, na sede do Club Juvenil, após a sessão ordinária daquelle sociedade, foi fundado o Grêmio Foot Ball Juvenil. Assumiu a presidência interina o Sr. Francisco Salerno, que convidou para secretariar o Sr. Campos Netto. Procedendo-se á eleição para o cargo effectivo de presidente, foi eleito o distinto jovem Carlos Giesen, entusiasta foot baller que conhece todas as regras deste gênero de Sport.



Ilustração 1: na foto acima vemos o primeiro time do Grêmio Foot Ball Juvenil. Da esquerda para direita: Carlos Pasqualetto, Guerino Casara, Gilberto Brigidi, Benício Ferreira (Vacariano), Galeano Brigidi, Luis Tronca, Leônidas Gelberd (Paraná), Dinarte Minghelli, (Pé de anjo), Orfeo D'arrigo, Raul Lima, João Rosvadoski (Russinho), Domitílio Peletti e Henrique Picchi (Goleiro). Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.

O Clube Juvenil tinha forte representatividade dentro da sociedade caxiense. Este, porém, emanava os interesses dos cidadãos casados, sendo a entrada de solteiros proibida pelo clube¹⁸. Revoltados com a exclusão exercida pela instituição em questão, os indivíduos solteiros da cidade, em sua maioria jovens, deram início a uma nova entidade sócio-recreativa, a qual denominaram Recreio da Juventude. Em 29 de junho de 1913, este mesmo clube, daria abertura à fundação de um dos grupos futebolísticos de forte expressividade na cidade, o Sport Club Juventude

¹⁸ Este episódio explana claramente a forte sustentação que o ítalo-brasileiro tinha com a instituição familiar. As bases tanto econômicas como sociais e os valores morais e de trabalho estavam pautados a partir da família e da religião (ZANINI, 2007). A criação de um clube que representasse os casados demonstra a ameaça que, possivelmente, o indivíduo fora da instituição familiar poderia causar àquele modelo de sociedade.

(S.C. Juventude). Francisco Michielin em sua obra *Assim na Terra como no Céu* traz o registro da primeira ata do clube:

As assinaturas estavam lá, caligrafadas com mãos firmes e rústicas, por mãos caprichosas e mais letradas, com mãos trêmulas de emoção: Antonio Chiaradia Netto, João Sambaqui, Carlos Zachera, Carlos Leonardelli, José Carletti, José Grossi, Bruno Sperandio, Astrogildo Rodrigues, Guido Chitolina, Zulmir Fabris, João Costamilan, Honorino Sartori, John Tibbitz, Claramundo Lucena, Raymundo Buratto, Avelino Lucena, Francisco Spinatto, Atílio Peruccini, Ferdinado Jaconi, Victorio Sanvicto, Donato Rossi, Victorio Pieruccini, Osvaldo Ártico, Ademar dos Reis, Luis Pieruccini, Luis Debiasi, Francisco Grossi, Hugo Serafini, Reinaldo Rubenich, Celeste Guelfi, Arthur de Lava Pinto, Octavio Reis, Dante Marcucci, Álvaro Gomes de Mello e Antonio Picolli. (MICHELIN, 1974, p. 125)



Ilustração 2: acima vemos a primeira equipe juventudista. O time, em 1913 (presidido por Ferdinando Jaconi), era composto por: de pé, da esquerda para direita: João Sambaqui, Luiz Geral, José Grossi, Adelmar Reis, Otávio Reis. Ajoelhados: Carlos Zachera, Osvaldo Ártico, (o Mirim), Francisco Grossi, João Costamilan, Francisco Chiaradia (Nico), o inglês Tibbits, Honorino Sartori e Guido Chitolina. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.

Em outubro de 1913, aderiram ao Sport Club Juventude alguns integrantes do já extinto Sport Club Ideal, que havia fechado as suas portas devido a um roubo efetivado por seu guarda-esporte¹⁹. Ao aderirem ao Alviverde²⁰, os entusiastas do S.C. Ideal acordaram que deveriam “[...] entregar todos nossos pertences, os quais consistiam em duas bolas nº5, duas bombas, estandartes etc. etc. E receberíamos

¹⁹ O guarda-esporte era responsável por tarefas como: envio de recados, distribuição de água entre os jogadores e organização dos materiais disponíveis no clube.

²⁰ Alviverde era um dos apelidos dados ao time juventudista. Esta denominação deve-se ao fato de que as cores sustentadas pelo time eram o verde e o branco.

daí por diante, tudo o que viéssemos precisar, mediante o pagamento de 500 réis mensais" (ADAMI, 1966, p. 39)²¹.

Estavam formadas, então, as duas potências do futebol do período, as quais iriam impulsionar a formação de outros clubes e a disseminação do futebol entre a população.

A outra parte dos integrantes do S.C. Ideal uniu-se ao Grêmio Foot Ball Juvenil (G.F. Juvenil). A formação dos grupos futebolísticos de ambas as entidades alimentou a rivalidade já existente entre os clubes e atraiu a população para a prática do futebol. Esta visível oposição entre os diferentes grupos que compunham a sociedade caxiense da época mostra-nos a representatividade das rivalidades já existentes na madre-pátria (ZANINI, 2007) traduzindo-se no seio da nova terra. Essa competição entre os times, entretanto, alimentava a disseminação da cultura futebolística e atraia para dentro dos gramados não somente amantes caxienses do futebol mas também de cidades vizinhas (ADAMI, 1966). De certa forma, esse fato alimentava e difundia a cultura dos habitantes de Caxias do Sul, já que todos que eram seduzidos pelo futebol acabavam se envolvendo com as atividades dos clubes.

Nessa época não existiam campeonatos estruturados oficialmente e as disputas eram feitas através de convites entre os times, os quais eram tidos como desafios. A primeira disputa com equipes de fora se dera em 1917, embate ocorrido entre o G.F. Juvenil e o Serrano de Carlos Barbosa. O jogo atraiu muitos admiradores e lotou o campo juvenilista.

²¹ Naquela época, os jogadores dos clubes pagavam uma taxa referente à sociedade, assim, jogavam defendendo o clube e recebiam todo o material e subsídio necessário à prática futebolística.



Ilustração 3: foto referente ao embate entre G.F. Juvenil e Serrano de Carlos Barbosa, em 1917. De pé: diretor Américo Ribeiro Mendes, Mariante, Brigide, Campos, Dario Labourdette, Rufino Henriques, Luiz Romano Rossi. Equipe do Juvenil: Picchi, Leão Cia, e Rio Grande; Paulista Pedro e Rigobelo; Brigide I, Pedrinho, Brigide II; Gaiola, Brigide III e Gilberto. Equipe do Carlos Barbosa: s/ ident. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.

A partir daí, as disputas foram ficando mais frequentes, dando origem a diversas entidades e alimentando a criação de um campeonato citadino. A duração desses campeonatos abrangia, na maioria das vezes, um período anual, já que grande parte dos jogadores eram trabalhadores. Além disso, o clima tinha de estar favorável à prática, pois quando chovia os campos não apresentavam condições para realizarem-se as referentes partidas. Mesmo sendo nomeados “campeonatos”, as partidas tinham sempre um caráter amistoso (já que os times eram desafiados a jogar), porém com forte rivalidade.

Os campeonatos citadinos e da região foram se estruturando de maneira diferenciada a partir dos anos 20 e nos anos 30 é fundada a Liga Sportiva Caxiense (L.S.C.). Tal fato tornou ainda mais fortes os eventos sociais realizados entre os clubes recreativos da cidade, aumentando e difundindo a prática futebolística caxiense como um ícone de preservação e reforço da identidade étnica ítalo-brasileira que representava o povo fundador da cidade de Caxias do Sul.

3. O futebol em Caxias nos Anos 20 e 30

A partir da fundação do G.F. Juvenil e do S.C. Juventude, o futebol que até então só era praticado pela “gurizada” (ADAMI, 1966), se difundia entre os adultos e se instaurava nas práticas dos clubes recreativos. Viu-se também a fundação de diversos clubes destinados à prática do futebol²². A *Tribuna*, jornal de expressividade na época, afirmava que o futebol era

[...] uma boa opção para o divertimento numa cidade pequena voltada essencialmente para o trabalho, e ainda propiciava aos praticantes que fossem admirados pelas garotas que acompanhavam os jogos. (S/ ident. *Sports. A TRIBUNA*, Caxias do Sul, 02 set. 1920. p. 2.)

Ao retratar o sentido dado ao futebol na época, esse fragmento de artigo publicado em *A Tribuna* expressa o caráter recreativo alcançado pelo esporte. Como o futebol estava ligado diretamente aos clubes recreativos de diferentes grupos sociais, ele proporcionava um espaço de convivência entre a população que pouco tempo tinha para se relacionar, já que a maior parte deste tempo era devotado ao trabalho.

Esse espaço contribuía para que os laços ligados à formação de uma identidade étnica fossem mantidos e reforçados através da representação que estes clubes propagavam e construíam a partir daqueles que ali se relacionavam. Reforçava-se, então, um espaço de formação étnico-identitária, já que, como observa Zanini (2007, p. 536), “na Itália havia rivalidades entre as localidades, e a aparente noção de homogeneização cultural se daria no Brasil, quando de emigrados italianos passariam a imigrantes italianos e, depois, a colonos proprietários”. Dessa maneira, os imigrantes que aqui se instalaram passaram a construir uma identidade étnica que até então, na sua terra natal, não havia sido formada unificadamente.

Em maio de 1936 é fundada a Liga Sportiva Caxiense, que passa a organizar e oficializar os campeonatos citadinos e a disseminar a prática da região por todo o estado gaúcho. O feito contribuiu, então, para as relações que se integrariam à

²² Podemos citar alguns clubes que tiveram sua fundação em meados dos anos 20: Esporte Clube Guarany, Esporte Clube Caxiense, Esporte Clube Americano, Esporte Clube Savoia, Esporte Clube Estrela Belo Horizonte, Esporte Clube Lusitano, Esporte Clube Caxias, Esporte Clube 9º Batalhão de Caçadores, Esporte Rio Branco, Esporte Clube Flamenguinho, Esporte Clube Familiar, Esporte Clube Ruy Barbosa e Dragões (ADAMI, 1966).

formação da identidade ítalo-brasileira e à reafirmação do colono italiano como figura civilizadora, de bom caráter e essencial ao desenvolvimento da nação.



Ilustração 4: acima vemos a primeira diretoria da Liga Sportiva Caxiense. Da esquerda para direita: Leon Cia, Adelino Pauletti, Ricardo Cruz, Dr. Francisco da Cunha Rangel, Tenente Domingos Jorge, Arlindo Maia e Germano Pisani. Mascote: Geraldo Camargo Rangel. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.

No período de fundação da L.S.C., o futebol, oficialmente amador²³, era composto principalmente de trabalhadores e retirava sua renda da colaboração dos sócios. Muitos times não encontravam condições financeiras de se manter em atividade, já que a participação em campeonatos além do citadino demandava maior apoio financeiro. Ao cabo de muito esforço, esses times acabavam falindo ou fundindo-se com outra entidade rival para manter-se. Pode-se verificar, dessa maneira, que a rivalidade futebolística existente na época amenizava-se frente à necessidade de manter acesa e evidente a etnia preservada através desta prática.

Um dos casos de fusão que obteve grande representatividade na época foi a efetivada entre os clubes Ruy Barbosa e Rio Branco (rivais assíduos), que deram origem a um dos clubes de maior expressividade na cidade de Caxias do Sul, o Grêmio Esportivo Flamengo, que se encontra presente até hoje no seio da antiga “Pérola das Colônias”.

²³ Utiliza-se aqui amadorismo, no sentido de que não havia órgãos oficiais que regularizassem os clubes e os jogadores não recebiam remuneração para jogarem exclusivamente. Na época eram os jogadores que pagavam aos clubes, ou seja, era requisito básico para participar da equipe que o interessado fosse sócio contribuinte. Por outro lado, o futebol nesse momento era exercido de maneira um tanto profissional, pois já existiam campeonatos organizados tanto em nível citadino como regional.

CAPÍTULO II

1. A emergência do Grêmio Esportivo Flamengo

Em verdade, a nossa sociedade surgiu da fusão de duas entidades de muito prestígio na década dos anos 30. Naquela época, no atual e populoso bairro Rio Branco, havia uma sociedade com o mesmo nome, a qual reunia os seus moradores para a prática de atividades sócio-recreativas. Não muito distante dali, no importante bairro de São Pelegrino, existia um outro clube. Era o Ruy Barbosa... Como resultado de freqüentes desavenças no terreno esportivo com clubes co-irmãos, as duas entidades resolveram unir as suas forças em torno de uma nova sociedade. Surgiu então o Grêmio Esportivo Flamengo. (PISANI apud GARDELIN, 2000)

Assim, aos 10 dias do mês de abril de 1935 emerge o Grêmio Esportivo Flamengo, que mais tarde tornou-se a Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul. O clube é fundado e já na primeira reunião foram nomeados o presidente, vice-presidente, primeiro e segundo secretários, primeiro e segundo tesoureiros, diretor de campo e suplente, guarda esporte, capitão geral, comissão técnica e suplentes.

A primeira ata do clube data de 26 de abril de 1935 e nela é colocado o nome de Sylvio Toigo Filho para presidente. Na segunda ata já aparece claramente uma relação expressa com os militares. Esta sessão havia sido convocada com caráter de urgência.

Os trabalhos estão sendo presididos por Sylvio Toigo, que convidou o Tenente Eloy Moreira Pitta para fazer uso da palavra. Este, formalizou-se para dizer que se sente honrado em poder apresentar o nome do Tenente Coronel Januário Coelho da Costa, comandante do 9º Batalhão de Caçadores, para presidente honorário do Flamengo. (ATA nº 02, 04 mai.1935)

O 9º Batalhão de Caçadores era de grande prestígio em Caxias do Sul. Oriundo de Pelotas, o grupo militar auxiliava os moradores e era apreciado pela população caxiense (GARDELIN, 2000), o que tornava a vinda de seus integrantes para dentro do G.E. Flamengo muito plausível, já que o clube encontrava-se em processo de ascensão e também necessitava de status para que pudesse atrair sócios.

A ata de número três especifica o Tenente Eloy Moreira Pitta como sendo o diretor técnico do clube. Entretanto, o que mais chama a atenção nessa ata é um

voto de louvor do presidente do G. E. Flamengo ao referido tenente. Para justificar o ato, ele declara: “[...] seu dinamismo e sua capacidade de aliciamento, haviam feito com que conseguisse sessenta sócios novos” (ATA nº 03, 05 jun.1935).

O voto de louvor acima exposto reforça a relação do clube para com os militares e também justifica e corrobora esse vínculo. Com certeza, a presença do Tenente Pitta já havia trazido bons frutos ao G.E. Flamengo. Esta poderia ser uma relação de mão dupla pois, por um lado, o clube ganhava status perante o quadro futebolístico e, por outro, o vínculo criado entre as duas partes permitia a manutenção de uma ligação entre o Estado e os imigrantes italianos, já que

Durante os anos 30, a perspectiva de uma invasão nazista com o apoio da aparentemente 100% nazificada coletividade alemã do Sul do país preocupou enormemente círculos políticos e militares no Brasil e nos Estados Unidos. Raramente, porém, essa possibilidade foi levantada com relação aos italianos. (BERTONHA, 1997, p. 144)

Essa relação se mostra interessante e justifica o fato de, na época, os ânimos entre Brasil e Itália mostrarem-se amenos frente à proposta de governo totalitária de Getúlio Vargas. Esse modelo político encaixava-se perfeitamente nos preceitos fascistas de Mussolini e criava uma ligação entre os dois países. Dessa maneira, a relação entre o Estado e os imigrantes italianos, especificamente, se dava harmoniosamente. Os ítalo-brasileiros eram visualizados como os civilizadores do sul do país e necessários para o desenvolvimento e manutenção das fronteiras daquela região que não era povoada e desenvolvida (BERTONHA, 1997).

O Grêmio Esportivo Flamengo nasceu dentro de um contexto de adversidade para o Grêmio Foot Ball Juvenil (1912). Este havia encerrado suas atividades relativas ao futebol devido a uma crise financeira, mantendo apenas o clube recreativo. Dessa maneira, a cena do futebol na cidade era dominada pelo Esporte Clube Juventude²⁴ (1913). Os apreciadores do G.F. Juvenil, entretanto, encontravam-se descontentes com este cenário, pois “o pessoal do Juventude jamais freqüentava o Juvenil e vice-versa. [...] Era como azeite e água: não podia se misturar! [...] Era o futebol. Todos eles associavam a atividade recreativa ao futebol, então tinha brigas [...]” (depóimento oral: U. G.).

²⁴ Nos anos 30 o Sport Clube Juventude passou a se chamar Esporte Clube Juventude. Maiores apontamentos em: Michelin, Francisco. **Assim na Terra como no Céu**. 7. ed. Porto Alegre: Sagra – DC – Luzzatto, 1997.

Assim sendo, as representações dos diferentes grupos da cidade estavam comprometidas e, com o fechamento do G.F. Juvenil, havia grande descontentamento por parte daqueles que não tinham afinidades com o E.C. Juventude.

Entretanto, a fundação do G.E. Flamengo contou com o apoio do Clube Juvenil, que passou a ajudá-lo financeiramente. A quinta ata explana claramente esse apoio. Nela foi discutida a inauguração do “Ground”²⁵ que tinha dois candidatos para apoiar o processo: Juvenil e Juventude. Na votação, venceu por unanimidade a escolha pelo patrocínio do Juvenil. Fato este que ilustra o início de uma rivalidade histórica²⁶ entre o G.E. Flamengo e o E.C. Juventude.

Como seu primeiro conselheiro, o G.E. Flamengo contou com Leon Cia, que já havia sido integrante da diretoria do G.F. Juvenil. Este fato e outros mais contribuíram para que muitos juvenilistas logo passassem a se identificar com o G.E. Flamengo, o que os levou a torcer e se associar ao novo clube. Essa adesão mostrou-se como uma forma de continuar combatendo o rival E.C. Juventude. Nascia, neste momento, uma nova rivalidade, que passa a fomentar e contribuir para a proliferação do futebol na cidade e em toda a serra gaúcha.

Na fundação do clube, a perspectiva inicial era construir um time que tivesse condições de enfrentar igualitariamente o Esporte Clube Juventude, time de superioridade financeira na cidade. Essa prerrogativa veio à tona em uma época em que o futebol na cidade, ao mesmo tempo em que estava em expansão por conta dos campeonatos citadino e estadual, desestimulava a parcela de admiradores do futebol que não se encontravam representados pelo E.C. Juventude. Assim, alguns torcedores deixaram de participar das atividades propostas pelos clubes, gerando um afastamento gradativo dos campos.

²⁵ O “Ground” era a denominação utilizada na época para remeter-se ao que conhecemos hoje como campo de jogo. O “Ground” era de propriedade do Ruy Barbosa (um dos clubes que originaram o G.E. Flamengo) e a data de inauguração marcou a transição do campo para os domínios do novo clube.

²⁶ Assim como o G.E. Flamengo, o E.C. Juventude também tinha uma ligação direta com os ítalo-brasileiros. Apesar dessa vinculação, a rivalidade entre os dois clubes era acirrada. Tal fato evidencia claramente que as rivalidades dentro do futebol transpõem até mesmo as barreiras étnicas e constroem-se por fatores diversos daqueles impostos pela etnicidade. Até dentro de um mesmo contexto identitário, a rivalidade é intensa e presente entre os clubes. Maiores apontamentos em GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. 2. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

Pode ser que, inicialmente, o objetivo principal fosse abater o grande rival Alviverde, porém, mesmo que subjetivamente, como denota Araújo (2005, p. 09), “a origem dos times e dos aficionados tem sempre alguma motivação racional, explicada muitas vezes através da representação das identidades dos indivíduos, como por exemplo, identidade dos habitantes de uma cidade, classe social, etnia ou mesmo religião.”

Existia uma preocupação em manter a população caxiense próxima aos gramados, onde se produzia e se cultuavam costumes e culturas dos ítalo-brasileiros que habitavam Caxias do Sul, pois junto aos jogos havia celebrações como jantas, bailes ou matinés, fato este específico ao futebol caxiense. Um trecho de artigo publicado pelo jornal *O Brazil*, referente a um embate entre G.F. Juvenil e Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense em 19 de novembro de 1919, demonstra como a apropriação do futebol por parte dos ítalo-brasileiros se deu de forma diferenciada e com caráter único:

[...] Não se viu, por parte dos players gremistas a camaradagem que deve perceber os matchs amistosos. Pelo contrário, elles esquivavam-se dos nossos macarrões, que não tiveram o prazer de privar de sua companhia em um momento sequer, antes ou depois do match, ao contrário do que aconteceu com os players de todos os outros clubes. (*O BRAZIL*, 1919, p. 04)

De certa maneira, pode ser que essa animosidade por parte do clube da capital refletisse certa precaução, um choque de identidades, em relação à força com que as confraternizações promovidas pelos times de Caxias do Sul representavam e marcavam os costumes daquele povo.

A rivalidade entre os times de Caxias do Sul atraia aficionados pelo futebol de todas as partes, inclusive de fora da cidade. Esse fato permitia que fossem marcadas e reafirmadas as concepções e pressupostos que envolviam a italianidade brasileira ali presente. Era possível, através do futebol, aproximar a população exterior à Caxias do Sul dos costumes, da moralidade e das concepções de trabalho pertencentes aos caxienses e reafirmar esses valores frente aos outros. Tratava-se, então, de uma demarcação da identidade étnica que, também naquele espaço, estava sendo formada.

Nesse sentido, o Grêmio Esportivo Flamengo foi fundado dentro de um momento em que o futebol em Caxias do Sul se encontrava com a rivalidade enfraquecida e sua emergência reacendeu a realização dos matchs que participavam da construção identitária do povo caxiense.

Quanto às cores do novo clube, o G.E. Flamengo optou pelo grená (cor do time do Ruy Barbosa), azul e branco (cores do Rio Branco). A cor grená foi especialmente escolhida devido ao fato de que o G.F. Juvenil tinha como cor representativa o vermelho. Assim, a escolha da cor grená possivelmente atraeria os torcedores juvenilistas.

2. O G.E. Flamengo entra em campo

2.1 O primeiro campeonato citadino e a nova fase do futebol caxiense

Logo no ano de sua fundação, o G.E. Flamengo já disputaria o campeonato citadino e entraria para o embate em nível estadual, associando-se à Federação Rio-Grandense de Desporto (F.R.G.D.). O primeiro jogo disputado pelo G.E. Flamengo foi de caráter amistoso e ligado à inauguração de seu campo de jogo. O jornal *O Momento* traz em primeira página uma matéria de destaque em relação ao fato:

ESPORTE: A Partida de futebol do Flamengo versus Universitários: Perante numerosa concorrência de espectadores e entre aplausos do público, teve lugar, domingo último, a cerimônia do batismo da praça de desportos do S. C. Flamengo, situada a pouca distância desta cidade. Seriam mais ou menos 16 horas quando os representantes do Juvenil, acompanhados das gentis madrinhas do Flamengo e do Universitários, deram entrada no campo, seguidos por grande número de pessoas. A cerimônia de batismo foi feita pelo vigário da paróquia falando, após, um dos jovens universitários, em nome da diretoria do Flamengo, oferecendo uma corbeille ao quadro visitante. [...] Em seguida, teve lugar a prova principal da tarde, que teve por epílogo a vitória do Flamengo por 3x1. [...] Foi, sem dúvida, uma bela festa a que domingo proporcionou o Flamengo, da qual ficou por certo bem grata recordação na memória dos que a assistiram. (*O MOMENTO*, 01 ago. 1935, p. 01)

Percebe-se que a primeira partida do clube atraiu numerosa platéia. Não poderia ser diferente dentro de uma cidade onde os costumes e aspectos culturais já haviam se apropriado do futebol para a construção e difusão de sua identidade

étnica. O *Momento* destacou o fato na primeira página como um marco para o futebol da cidade. Um acontecimento que traria novamente os traços de rivalidade ao futebol citadino, tão importantes para a exaltação da identidade e para a construção de uma coletividade ítalo-brasileira dentro do seio caxiense. A religiosidade e a ligação com atividades diretamente vinculadas aos clubes sócio-recreativos como espaço de formação identitária daquele povo ficaram evidentes nessa publicação.



Ilustração 5: na foto acima vemos a primeira formação do G.E. Flamengo. Da esquerda para direita: Maguicha, Antonio Bonollo, Nenele, Tenente Assis, Evangelista Fonseca, Tenente Antenor, Assis Brasil de Freitas, Darci Villas Boas (Tibicho), Cipriano Torresini, Clodoveu Marques Batista Filho, Barulho, Zezé Duarte Monteiro, Tenente Eloy Moreira Pitta. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.

Logo após o amistoso de batismo do campo de jogo, o G.E. Flamengo entra em campo contra seu arquirrival, o E.C. Juventude, dando início aos clássicos Fla-Ju. A primeira disputa se deu em nível de campeonato citadino, tendo o G.E. Flamengo vencido o jogo pelo placar de 3x1 (CÔRTES, 2008, p. 13). Em seguida, o clube disputou o campeonato estadual organizado pela F.R.G.D. e, num embate contra o Sport Clube Montenegro, o G.E. Flamengo venceu por 7 gols a 4.

Mediram forças domingo último em disputa do campeonato que se está realizando sob os auspícios da F.R.G.D., os adestrados quadros do Flamengo, desta cidade e o S. C. Montenegro da cidade que lhe empresta o nome. A vitória sorriu ao Flamengo, que pela bonita contagem de 7x4 venceu galhardamente o seu adversário. (*O MOMENTO*, 22 ago. 1935, p. 4)

A notícia prossegue com um adendo:

Excursionará para Montenegro domingo próximo, onde vai disputar uma partida de campeonato de futebol, o valoroso quadro do Esporte Clube Flamengo, desta cidade. Daqui seguirão acompanhando o mesmo, inúmeros torcedores deste simpático clube. (O MOMENTO, 22 ago.1935, p. 4)

Nota-se que o surgimento do G.E. Flamengo passa a movimentar novamente a torcida caxiense. A participação em campeonato em nível estadual poderia permitir uma difusão dos valores do principal grupo habitante de Caxias do Sul, os ítalo-brasileiros. A volta da rivalidade e a possibilidade de enfrentamento com diversos times exteriores à “Pérola das Colônias” movia os torcedores que, mesmo com a dificuldade de deslocamento que havia no período, acompanhavam seus times nos embates pelo estado gaúcho.

Apesar de não ter como característica ser um clube sócio-recreativo, o G.E. Flamengo promovia seguidamente bailes dançantes para comemorar suas vitórias e arrecadar fundos. Na vitória contra o Sport Clube Montenegro, acima relatada, não foi diferente. No dia 14 do mês de setembro daquele mesmo ano, o clube realizaria uma “reunião dançante” no Salão Príncipe de Nápoles (antiga Sociedade de Mútuo Socorro), como especifica a ata 8. Este tipo de manifestação denota como a prática do futebol foi apropriada e vinculada de forma única pelos ítalo-brasileiros. As atividades sócio-recreativas estavam sempre ligadas aos esportes e nesse momento especialmente ao futebol.

O próximo embate do G.E. Flamengo se deu novamente contra seu arquirrival E.C. Juventude, desta vez pelo campeonato estadual.

Jogarão no campo do valoroso E.C. Flamengo, os quadros do Juventude e o daquele, em disputa do campeonato que se está realizando em todo Estado sob os auspícios da F.R.G.D. Para esse embate que promete revestir-se de lances emocionantes, reina desusados entusiasmos nos meios desportivos da cidade. Há palpites diversos de parte a parte, da torcida que é grande e que por certo estará domingo a postos. (O MOMENTO, 05 set.1935, p. 4)

Esta matéria mostra, mais uma vez, a nova fase em que o futebol estaria entrando na cidade. O entusiasmo dos apreciadores da prática estava ressurgindo perante a rivalidade que o G.E. Flamengo alimentava frente ao E.C. Juventude. Era

a oportunidade de retorno aos campos e de ascensão do futebol caxiense no cenário estadual.

Em relação ao Fla-Ju em questão, é interessante analisar aqui o conteúdo da nona ata. No documento há uma intensa referência à rivalidade entre o time grená e o alviverde, como se vê na notificação a respeito da partida contra o E.C. Juventude:

[...] a quinta providência solicitada referia-se à proteção dos jogadores, a fim de que não viessem a sofrer qualquer vexame, no embate a ser travado com o Juventude cujo fanatismo e desejo de lhe galgar a vitória lhe parece capazes de tudo. [...] resolveu-se que o Presidente, acompanhado pelo Ângelo Mezzomo, se dirigisse à polícia a fim de obter efetivas garantias. Decidiu-se que os jogadores se dirigiriam ao campo da partida, acompanhados pelo Presidente e ainda por associados, todos com competentes poderes para resolver qualquer problema que pudesse surgir. Os jogadores seguiriam fardados e prontos para entrar em ação, responsabilizando-se o tesoureiro pelos meios de condução. (ATA nº 09, 05 set. 1935)

É claramente perceptível a tensão existente em volta da partida que estaria por vir. Com certeza os ânimos estariam acirrados e a rivalidade existente entre os dois clubes era motivo de preocupação. Era essa rivalidade, porém, que alimentava as bases dos entusiastas do futebol. A mesma rivalidade que atraía a população em massa aos gramados e que lançaria o futebol e a cultura dos ítalo-brasileiros no cenário estadual, demarcando e contribuindo para os processos que iriam, futuramente, formar a identidade étnica desse grupo.

Logo em seguida, houve outra partida com o E.C. Juventude pela final do campeonato organizado pela F.R.G.D. Esta instituição decidiu e informou por telegrama que o desempate seria realizado em Porto Alegre. É interessante observarmos os efeitos dessa decisão presentes na ata referente:

Ficou estabelecido que a missão iria em trem de tabela e em primeira classe, devendo o tesoureiro abrir o crédito necessário para todas as despesas. [...] examinar a qualidade do material esportivo e pedir, aos patrões dos jogadores, licença para se ausentarem da cidade de três a cinco dias. (ATA nº 10, 23 set. 1935)

A partida referia-se à decisão do campeonato da segunda região²⁷ do estado organizado pela F.R.G.D. e que dera a vitória ao alviverde, ficando o G.E. Flamengo

²⁷ Os campeonatos estaduais na década de 30 eram disputados de forma que era dividido em quatro zonas: centro, litoral, serra e fronteira, sendo que a serra era considerada segunda zona. Os times de

com o título de Vice-Campeão da Segunda Região. Como foi realizado em Porto Alegre, o embate exigiu dos dois times ordem financeira para o deslocamento.

Fato interessante, que é ressaltado pela ata, trata da necessidade de liberação dos jogadores pelos seus patrões. Os “players” eram sustentados pelo seu trabalho, ou na indústria ou no comércio. Para jogarem tinham de se associar aos clubes pagando uma taxa mensal fixa, assim, o futebol se colocava em posição mais de lazer do que de profissão. Jogava-se pelo entusiasmo e pela vontade de representar aquele clube que, de certa forma, representava a identidade do indivíduo e do grupo. Um recorte de jornal pertencente aos escritos e arquivos de João Spadari Adami nos remete a este modelo de prática: “bons tempos em que se pagava pra jogar. Tempo dos bigodões quando o goleiro se via fininho debaixo do arco, por que os guris do quadro adversário queriamvê-lo sem canela... Tempo do futebol corrido e amadorista cem por cento” (O MOMENTO, S\D)

O ano de 1935 fechou para o G.E. Flamengo com a conquista do vice-campeonato da segunda região e da cidade, sendo que havia perdido o primeiro lugar para seu arquirrival E.C. Juventude. Resultados nada ruins para um time que recém havia aberto suas portas para o futebol. Ambas as conquistas foram comemoradas com uma festa.

Em 8 de outubro do mesmo ano, o clube inaugura sua categoria de Veteranos. Esta categoria foi solicitada por Augusto Panazzolo e aclamada por unanimidade entre os associados. O desejo de jogar pelo clube havia interessado Augusto e seus companheiros a ingressarem no G.E. Flamengo. Este grupo usaria o fardamento e o campo do G.E. Flamengo e disputaria pela 3^a categoria da Liga Sportiva Caxiense (ATA nº 12, 08 out. 1935). Estava, então, consolidado o novo quadro do futebol caxiense.

No ano seguinte foi eleita uma nova diretoria para o clube:

Presidente: Ambrósio Maggi, Vice Presidente: Adolfo Smauch, Segundo Vice Presidente: Ângelo Maggi, Terceiro Vice Presidente: Marcos Travi, Primeiro Secretário: Benno Weirich, Segundo Secretário: Marciano Rossato, Primeiro Tesoureiro: Guerino Pisani, Segundo Tesoureiro: Modesto

cada zona disputavam os campeonatos regionais entre si no formato “mata-mata”: 1^a zona x 2^a zona e 3^a zona x 4^a zona. Desses confrontos saiam dois vencedores que disputariam o título estadual.

Fadanelli, Diretor de Campo: Germano Pisani, Suplente: Avelino Kaller, Guarda Sport: Isidoro Scalabrin; Suplentes: Américo Pisani e José Pires, Capitão Geral: Sylvio Toigo Filho; Comissão Técnica: Bortolo Fachin, Osvaldo Rodrigues, Martino Stalivieri e Tibirila Índio Martins; Conselho Consultivo: Primo Slomp, Eduardo Mosele, Luiz Boff, Valdemar Petrini, Orpheu D'Arrigo, Luiz Mochelin, João Scola, Guerino Bedin, Antonia Soares, Ângelo Cesa, Ettore Lazarotto, Francisco Oliva e Casemiro Dal Piva; Comissão de contas: Avelino Bergamaschi, Antonio Modena, Primo De Carli, Mário Menegaz, Alfredo Caberlon, Carlos Pasqualetto e Germano Bedin; Orador Oficial: Dr. João Barcellos Ferreira. (ATA N°13, 14\04\1936)

Neste mesmo ano o G.E. Flamengo conquistaria novamente o vice-campeonato citadino e se filaria a L.S.C., tendo alguns de seus sócio-fundadores participantes da diretoria da referida Liga.

2.2 A primeira conquista do campeonato citadino

O primeiro campeonato citadino conquistado pelo G.E. Flamengo data de 1937, dois anos após sua fundação. Este mesmo ano foi de conturbações no clube no campo financeiro. Os sócios conseguidos até então não estavam sendo suficientes para suprir os gastos que o clube vinha tendo para se manter atuante nos campeonatos. O tema da primeira reunião seria, “[...] tratar da proximidade do campeonato, a situação financeira do clube e impossibilidade dos recursos provenientes das mensalidades fazerem frente aos compromissos” (ATA nº 18, 14 fev. 1937).

Em seguida, a ata registra algumas providências que deveriam ser tomadas frente à problemática em questão:

[...] conseguir recursos em dinheiro, em material esportivo e criação de um grupo de sócios beneméritos e patrocinadores. Também foi lembrado que torcedores poderiam responsabilizar-se pela compra de material esportivo, respondendo pelo pagamento. Por fim, tomou-se a decisão de constituir uma comissão especial, cujo trabalho fosse o de encontrar recursos, mobilizando todas as forças possíveis do Flamengo. A comissão foi presidida por Bortolo Fachin e teve como Vice- Presidente Martim Stalivieri, Secretário: Alfredo Caberlon e Tesoureiro: Guerino Pisani, Diretor Esportivo: Carlos Pasqualetto, Diretor Técnico: Tenente Eloy Moreira Pitta, Conselheiros Mário Menegaz e Severino Simonetto. A comissão toma para si também a responsabilidade de erguimento do clube. [...] O último trabalho da reunião teve como finalidade consignar o título de sócio honorário ao Irmão Pedro. (ATA nº 18, 14 fev. 1937)

Através da análise desse documento torna-se perceptível que o clube não se encontrava em boas condições financeiras²⁸ para a disputa dos campeonatos que estariam por vir. A ata traz alguns fatos interessantes, como a participação dos sócios como uma das principais fontes de renda do clube, a participação do Tenente Eloy Moreira Pitta na comissão responsável pelo erguimento do clube e a condecoração do Irmão Pedro como sócio honorário.

Essas colocações permitem analisar a relação próxima que o clube tinha com o contexto social do ambiente caxiense. Nesta conjuntura sócio-cultural se sobressaem como traços presentes na consolidação do G.E. Flamengo, a aproximação com a religião católica, a ligação com o exército e, por fim, a principal delas, o seu vínculo com a identidade étnica ítalo-brasileira. Esses traços de pertencimento permitiam ao clube, por um lado, atrair os sócios que se viam ali representados e, por outro lado, demarcar no âmbito estadual e nacional o vínculo que aquele grupo tinha para com a pátria brasileira.

A partir destas medidas adotadas pelo clube, a adesão dos sócios passou a ser expressivamente crescente. A análise das atas nos permite averiguar que o clube passou a contar com sócios de diferentes classes. Trabalhadores, médicos e militares são percebidos nesses documentos. As precauções tomadas haviam funcionado e a comissão eleita para efetivar tal empreitada, havia obtido sucesso.

Ainda em 1937 o clube enfrentou alguns problemas com aos jogadores. Alguns atletas mostravam-se displicentes, assim, a ata de número 26 (27 jul. 1937) remete as seguintes deliberações:

Os jogadores faltosos, está assentado em ata, tratando-se de amadores, serão punidos a critério da Diretoria; os que vivem a expensas deste Grêmio, uma vez reconhecida sua imprudência, será observada em ata e na reincidência excluído do quadro social, com direito apenas a passagem para o local de procedência, isto depois do julgamento da falta cometida. Qualquer infração de jogadores levadas ao conhecimento da Diretoria, será por esta julgada em sua totalidade. Por último, ficou resolvido reunir os jogadores e ler-lhes a ata, para que tomassem dela o devido conhecimento e a cumprissem.

²⁸ A ata de número 24, datada de 6 de julho de 1937, traz à tona algumas problemáticas que estariam colaborando para a situação financeira do clube. Uma delas dizia respeito a uma circular do Ministério da Fazenda, determinado que dois por cento da receita bruta de todas as partidas jogadas a partir de abril fosse recolhido ao Tesouro Nacional, de acordo com o disposto no Decreto 1441, de 8 de fevereiro de 1937.

Nessa ata já pode-se perceber que, apesar de ainda não existir uma relação direta com o profissionalismo, o clube já possuía alguns jogadores que atuavam dentro desse modelo.

Ainda em relação aos atletas, o clube passou por algumas problemáticas, inclusive um suposto suborno por parte do E.C. Juventude.

Por proposta da comissão técnica, ficou resolvido eliminar de nosso quadro social e esportivo os jogadores Reinaldo Spirler, Leônidas Dulinski, o primeiro por ter assinado a ficha no Sport Clube Juventude e ter aceito a quantia de duzentos mil réis; verificando a nossa sociedade o segundo ter-se portado de maneira incorreta, dizendo-se estar vendido no dia da partida jogada com S.C. Juventude. (ATA nº 32 10 dez. 1937)

Apesar de todas as dificuldades, o G.E. Flamengo acabou conquistando o campeonato citadino e eliminou o arquirrival alviverde numa disputa de melhor de três:

Na disputa do campeonato da cidade de Caxias de 1937, sagramo-nos campeões, jogando a melhor de três, sendo que o resultado destas foi o seguinte: na primeira empatamos por 2 a 2, a segunda partida perdemos por 1 a 0, e a terceira vencemos por 2 a 1, a quarta partida vencemos por 2 a 0, depois do Sport Clube Juventude ter abandonado o gramado no segundo tempo do jogo, por não ter se conformado com um pênalti que o juiz cobrou. Em prosseguimento ao campeonato do Estado jogamos com o G.S. Bento Gonçalves, no campo do mesmo, empatando por 1 a 1, a segunda partida jogamos em nosso gramado, esta vencemos por 5 a 0; sagramo-nos, então, campeões da 2^a zona, em seguida fomos a Porto Alegre jogar com o campeão da zona centro, S.C. Novo Hamburgo; para este perdemos por 2 a 0; de acordo com as partidas já disputadas este ano, sagramo-nos campeões da cidade de Caxias de 1937; coube-nos uma linda taça oferecida pela prefeitura municipal; conquistamos também o título de campeão da 2^a região e vice-campeões da zona centro. (ATA nº 33, 11 jan. 1938)

E assim o G.E. Flamengo fecha o ano de 1937. Nos anos seguintes (1939, 1940 e 1941), o clube conquista somente o vice-campeonato da cidade. Vale ressaltar, porém, alguns adendos do ano de 1938 explanados em ata.

A diretoria resolveu lançar um voto de congratulações ao 9º B.C. Atlético Club. Também decidiu oficializar ao comando da unidade “glorioso exército nacional, expressando o contentamento do nosso Grêmio pelo regresso do mesmo. [...] foi dirigida uma carta ao Sub. Ten. Eloy Moreira Pitta a cuja esclarecida orientação desportiva esta sociedade tanta gratidão deve e de quem conta com fecundo apoio para a conquista de novos louros. (ATA nº 37, 15 fev. 1938)

Ainda sobre o retorno do grupo militar à cidade, o jornal *O Momento* coloca:

Debaixo dos aplausos da população caxiense e de todos os brasileiros verdadeiramente sinceros e leais, foi recebido festivamente nesta cidade, à tarde de sexta-feira última, o regresso do disciplinado 9º Batalhão de Caçadores, aqui sediado. Essa brilhante unidade de nosso exército esteve ausente de seu quartel durante seis meses, devidamente acantonada na capital do Estado, pronta para com outras unidades, reprimir a criminosa atitude de maus brasileiros, os quais, publicamente, pela palavra e pela ação, conspiravam contra os altos interesses da nação. (O MOMENTO, 14 fev. 1938)

A nota acima se refere à perseguição do governo Vargas aos brasileiros que eram contrários à ditadura instaurada na época. Pode-se verificar a clara menção de apoio dos ítalo-brasileiros ao governo nacional, ou por precaução ou por apelo de que aquele povo se encontrava representado no Brasil. Vê-se claramente a miscigenação de identidades e a facilidade de assimilação, por parte dos ítalo-brasileiros, da cultura e dos costumes da região, os quais acabaram sendo assimilados e integrados à cultura trazida da Itália. Outro trecho do jornal *O Momento*²⁹ demonstra claramente essa representação:

[...] sem receio de cometer uma injustiça, digo tanto a autoridades da pátria de meus pais como a seus satélites que não é pelos lindos olhos dos imigrantes e de seus descendentes, que faziam gastos na manutenção de escolas, e sim, tão somente para, por intermédio delas, colher os frutos de 62 anos de honrado trabalho de nosso valorosos avós, e fazer das nossas crianças os futuros trabalhadores da própria pátria < O Brasil >. Mas o insubstituível Presidente Dr. Getúlio Dornelles Vargas, compreendendo perfeitamente que o Brasil estava sendo ludibriado na sua boa fé, e na sua divisa hospitalar, acabou duma vez para sempre, com a mistificação de organizações estrangeiras, que repito, não era outras cousas senão fabricas de inimigos e trahidores do Brasil. Embora sejamos de origem imigratória, o que somos não devemos à pátria de nossos avós e nem aos pescadores de águas turvas e sim, unicamente àquela < Cruzada Santa >, iniciada em 1875 e finda em 1894, e ao civilizado povo brasileiro, e a mais ninguém. Portanto queiram deixar-nos em paz. Preferimos a Māi preta que nos amparou à Māi branca que nos desprezou. (O MOMENTO, ADAMI, 23 mai. 1938)

Essa manifestação deixa claro de que lado estavam os descendentes de imigrantes frente aos intentos do governo de Mussolini de influenciar política e intelectualmente o Brasil, já que

[...] o grande objetivo do governo italiano passou a ser – descontada a continuidade de interesses econômicos e de manutenção da italianidade da colônia italiana – a quebra da hegemonia americana e a formação de um grande bloco de nações latinas e fascistas ligadas à Roma. (BERTONHA, 1997, p. 114)

²⁹ Este trecho refere-se a um decreto do governo getulista, proibindo o ensino de idiomas estrangeiros nos cursos primários.

Isso nos remete também a algumas características presentes nas opções étnicas e culturais dos ítalo-brasileiros. Na coletividade não se viam mais italianos, mas também não se encontravam dentro do “civilizado povo brasileiro”: eram os descendentes de imigrantes que apoiavam e se sentiam fruto da nação brasileira, possuindo características sócio-culturais próprias formadas através da noção de pertencimento e da vinculação da cultura de seus antepassados àquilo que viviam.

2.3 O segundo campeonato citadino e o início da recessão no G.E. Flamengo

Com a área financeira bastante conturbada, em 1942 o G. E. Flamengo conquista seu segundo campeonato citadino. Os problemas que haviam surgido em 1937 vinham se agravando e tomando proporções cada vez maiores. A ata de 1º de março de 1942 traz a preparação de uma relação de sócios que contribuiriam com a contagem de 10 a 20 mil réis destinados ao pagamento da gratificação dos jogadores pelo campeonato que estaria por vir (ATA nº 100, 01 mar. 1942). A ata seguinte demonstra claramente que as finanças do clube se encontravam numa problemática crescente. “[...] Guerino Pisani informou que o Clube devia 855 mil réis e deu o nome de todos os credores. Decidiu-se que a despesa seria paga de acordo com as possibilidades” (ATA nº 101, 06 abr. 1942).

Ainda que, oficialmente, o profissionalismo³⁰ já estivesse vigorando no país desde 1933 (RIGO, 2004), essa não era a realidade da maioria dos clubes do interior, que, predominantemente, mantiveram por muito tempo relações semi-profissionais com seus jogadores. As atas do G.E. Flamengo mostram um pouco como se deu esta passagem lenta do amadorismo para o profissionalismo nos clubes do interior.

³⁰ Quanto à consolidação do profissionalismo no futebol brasileiro, Luiz Carlos Rigo (2004) observa que apesar de 1933 ser o ano da sua implementação oficial, ele não se deu de forma homogênea em todo o território nacional. O autor destaca que no interior do Rio Grande do Sul, por exemplo, mesmo após 1933, continuou vigorando um semi-profissionalismo por muito tempo. O que, segundo o autor, mostra “como as decisões legais” não têm efeito imediato em todo o território nacional (RIGO, 2004, p. 135). Maiores apontamentos em RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um Futebol de Fronteira**. 1. ed. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 2004.

Jogador João Clarimundo Helert. E data de 12 do corrente ficou combinado com esta diretoria, que o referido jogador defenderia as cores deste Grêmio, no corrente ano, com as seguintes condições: um emprego na Associação Comercial, que, de entrada, percebesse 250\$000 e 150\$000 pagos pelo Clube, num total de 400\$000 até o fim do corrente ano. O dia em que a citada Associação resolver aumentar o ordenado de Clarimundo, diminuirá o compromisso deste Clube com o mesmo no corrente ano. Se Clarimundo chegar a vencer o ordenado de 400\$000, este Clube não mais terá compromisso com o mesmo. Foi adiantada a importância de 300\$000 ao citado jogador [...] A importância adiantada a Clarimundo foi emprestada ao Clube pelos seguintes sócios: José Regenin 100\$000; Saldanha Ribeiro 70\$000; Omar Martins 70\$000 e Silfredo Stoffels 60\$000 [...]. (ATA Nº 102, 29 abr. 1942)

Apesar de não similar ao atual, o profissionalismo já poderia ser denotado como característica no futebol citadino. De certa forma, alguns “players” se utilizavam do futebol para obter seu sustento³¹, mesmo que indiretamente, como no caso acima denotado.

O campeonato citadino de 1942 contou com a participação dos três principais clubes na primeira categoria: G.E. Flamengo, E.C. Juventude e Grêmio Esportivo Eberle (G.E. Eberle)³². O primeiro embate foi um clássico Fla-Ju e se deu na Quinta dos Pinheiros (campo juventudista). O jornal *A Época* traz a notícia sobre a disputa:

Juventude 2. Flamengo 1: A primeira partida do campeonato oficial da cidade reuniu em campo Juventude e Flamengo. Os acirrados adversários do futebol citadino deram à enorme assistência que compareceu ao campo do Juventude um jogo bastante movimentado, onde se a técnica foi pobre, rica foi a disposição pela luta [...]. (A ÉPOCA, 31 mai. 1942)

Como explanado, o G.E. Flamengo, imerso na crise financeira, não iniciou bem o campeonato do ano. Em seguida, o G.E. Flamengo enfrentou o G.E. Eberle e perdeu por 4 x 3. O juiz³³ que apitou a partida foi o Tenente Antenor. Relativo a esse dado, é interessante analisarmos um trecho da reportagem publicada pelo jornal *A Época*: “[...] marcam um golo e Juiz anula. Os rapazes do Flamengo numa grande

³¹ Analisando a documentação da Liga Caxiense de Futebol (L.C.F.), encontra-se a presença de jogadores vindos da Argentina, Uruguai e Itália. Esses jogadores eram sustentados pelo clube ou adquiriam empregos através da sua atuação futebolística.

³² O Grêmio Esportivo Eberle, fundado em dezembro de 1934 (ADAMI, 1966), representava a empresa que lhe conferia o nome. Era composto, essencialmente, pelos próprios trabalhadores da Eberle e foi um dos clubes de grande influência futebolística em Caxias do Sul na década de 40.

³³ Em análise documental dos registros da Liga Caxiense de Futebol, verifica-se que os juízes que apitavam as partidas eram indicados e escolhidos pelos próprios times que disputariam a partida. Ambas as equipes enviavam à Liga a indicação e após entravam em acordo quanto ao nome escolhido. Quando não havia acordo entre as partes, a Liga escolhia um nome e o destinava a apitar a disputa.

demonstração esportiva e disciplinar aceitam sem um mínimo protesto a punição do árbitro que importava em privá-los da vitória [...]” (A ÉPOCA, 14 jun. 1942).

Uma vez que as relações entre o G.E. Flamengo e a classe militar sempre foram próximas, e ainda eram, nota-se que o G.E. Flamengo, que seguidamente contestava a atuação dos juízes (tendo, inclusive, enviado à Liga Caxiense de Futebol³⁴ um documento requerendo a averiguação do juiz na partida contra o E.C. Juventude), havia agido de “forma esportiva e disciplinar” na partida contra o G.E. Eberle.

O embate seguinte se daria novamente contra o E.C. Juventude e acabou com a vitória do time grená:

Brilhante e merecida vitória do Flamengo. Por 3 a 1 caiu o Juventude: Na tarde de domingo último, o Grêmio Esportivo Flamengo marcou um triunfo retumbante frente ao seu tradicional adversário, o Esporte Clube Juventude, campeão da cidade. O triunfo do Flamengo é tão mais significativo porque consigna ainda uma reabilitação brilhante do seu onze, que vinha do turno com duas derrotas que embora com contagens ajustadas, 2 a 1 e 4 a 3, o haviam colocado em último na tabela, com zero ponto. (A ÉPOCA, 21 jul. 1942)

A partir daí, o G.E. Flamengo enfrentou o G.E. Eberle, vencendo por 2 a 0 o esquadrão dos industriários (A ÉPOCA, 05 jul. 1942) e, em seguida, o E.C. Juventude pelo mesmo placar. O G.E. Flamengo enfrentaria novamente G.E. Eberle, sagrando-se campeão citadino de 1942. “O Flamengo é campeão de Caxias: Abatendo domingo último, pelo escore de 3 a 1, ao G.A. Eberle, o Grêmio Esportivo Flamengo conquistou merecidamente o título de campeão de Caxias de 1942” (A ÉPOCA, 23 ago. 1942).

Com a vitória do G. E. Flamengo, várias atividades sócio-recreativas foram implementadas para a comemoração. Inicialmente, realizou-se um churrasco no estabelecimento de um dos sócios e um almoço no Café Central (de propriedade de João Reginin). A ata de 16 de agosto de 1942 traz que:

³⁴ Em 1941 a Liga Sportiva Caxiense passa sua denominação para Liga Caxiense de Futebol, juntamente com a Federação Rio-Grandense de Desporto que passa a se chamar Federação Rio-Grandense de Futebol (F.R.G.F.). Por este motivo essas duas entidades passarão a ser assim referidas neste trabalho.

[...] Semanas após, foi oferecido um churrasco especial aos elementos mais destacados de nosso Grêmio, que teve lugar no pátio, aos fundos do citado Café. O churrasco tem a finalidade de reforçar os laços existentes entre todos os membros desta entidade, a fim de que cada vez mais se sintam motivados a enfrentar, no futuro, os destemidos adversários e elevar cada vez mais o conceito do Grêmio. (ATA nº 106, 16 ago. 1942)

A referida ata ainda coloca que o G.E. Flamengo não haveria de disputar o campeonato estadual de amadores, já que não havia recursos para tal. Já em 1943, o clube envia um ofício à L.C.F. solicitando seu afastamento do campeonato citadino daquele ano, causando grande preocupação aos entusiastas do futebol. O desligamento do G.E. Flamengo acarretaria em demissão, deixando a L.C.F. composta apenas por dois times, sendo que o mínimo exigido pela Federação Rio-Grandense de Futebol era três.

Sendo assim, os flamenguistas pedirão demissão, o que ocasionará o fim da Liga Caxiense de Futebol, porquanto pelo regulamento dos Esportes uma Liga não pode constar menos de três clubes. Para tratar deste assunto, que é de máximo interesse para o futebol caxiense, o mandatário da Liga, procurou convocar uma Assembléia Legal. [...] Agora perguntamos; sairá ou não o campeonato do corrente ano? Qual a situação dos outros dois filiados, Juventude e Eberle? (O MOMENTO, 29 jan. 1944)

É notável, fazendo-se uma análise acerca do trecho acima, que a situação em que se inseriu o G.E. Flamengo parecia afetar os outros clubes filiados à L.C.F. Uma proposta de fusão entre os clubes foi cogitada para evitar a saída do G. E. Flamengo do campeonato citadino, porém, não foi sucedida. A preocupação com a realização do campeonato era aparente, pois o futebol local representava a cidade frente ao estado. Com a decadência da prática futebolística citadina, Caxias do Sul perdia sua principal representatividade. Mas como explicar esta decadência? Que motivos levaram ao período de recessão do futebol na cidade, principalmente do G.E. Flamengo?

Analizando as atas, fica claro o afastamento dos sócios militares do clube. A documentação passa a ser mais restrita e com poucas informações. As reuniões também se tornam mais esporádicas, deixando um clarão na problemática em que se encontrava o G.E. Flamengo. Seguindo o mesmo caminho, as publicações referentes ao futebol nos jornais bem como os registros da L.C.F. passam a ser escassos durante essa época.

Alguns fatos, entretanto, podem ser apresentados como justificativas para tais ocorrências. O contexto político era marcado pelo envolvimento com a Segunda Guerra Mundial. No Brasil, a união, em 1942, com os Aliados colocou o país contra o Eixo formado por Alemanha, Japão e Itália. Sendo assim, os descendentes de imigrantes destes países passaram a representar verdadeiros “perigos nacionais”, desencadeando uma série de repressões e perseguições (ZANINI, 2007).

Possivelmente, além dos problemas financeiros, o G.E. Flamengo estivesse sofrendo algum tipo de pressão, já que seu quadro diretor, como já explanado, era formado essencialmente por descendentes diretos de italianos. Tal fato explicaria também os motivos que fizeram a classe militar se retirar da lista de sócios do G.E. Flamengo e as atas se tornarem tão sucintas e injustificadas.

Um pouco sobre a situação tensa e constrangedora que se abateu sobre os descendentes de imigrantes italianos no Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial, é explanada por Bertonha (1997):

Para o governo brasileiro, não havia dúvidas de que havia espionagem italiana no país. [...] Notícias sobre prisões de italianos (na maioria das vezes, ligados a empresas italianas como bancos ou a LATI e ao corpo diplomático italiano ou ainda aos órgãos fascistizados – *fasci all'estero* e os *Dopolavoro* – das coletividades italianas espalhadas pelo país) são uma constante em 1942 e 1943.

O período correspondente à Segunda Guerra Mundial, marcado por perseguições e repressões aos descendentes de imigrantes italianos, assinalou a identidade étnica de forma negativa, promovendo uma imagem autodepreciativa da italianidade (ZANINI, 2007). Pode ser que esta depreciação do italiano tenha afetado a construção do ítalo-brasileiro, o que possivelmente adentrou também a prática do futebol citadino. Neste sentido, os jornais da época em Caxias do Sul, por muitas vezes, publicavam mensagens de apoio ao governo brasileiro e reprovação ao totalitarismo mussolinico como uma forma de demonstrar que na cidade o pertencimento estava menos para a Itália que para o Brasil.

O futebol não fica fora desta conjuntura econômica e político-cultural e o G.E. Flamengo entra em recessão transparecendo o contexto em que se encontravam os ítalo-brasileiros, especificamente na cidade de Caxias do Sul. Em 1947, porém, o

G.E. Flamengo seria protagonista de um retorno dos processos positivos em relação à italianidade brasileira, dando nova ascensão às disputas na cidade.

Capítulo III

1. O retorno do G.E. Flamengo aos campos

De 1943 a 1947 o G.E. Flamengo fecha suas portas para o futebol, desmobilizando a prática na cidade de Caxias do Sul. O referido clube, porém, não foi o único a enfrentar problemas financeiros. O E.C. Juventude também se deparou com situações difíceis no âmbito futebolístico e, em 1944, enviou um ofício à Liga Caxiense de Futebol pedindo licença do campeonato citadino daquele ano. A decadência do futebol de Caxias do Sul na época poderia ser reflexo das políticas de nacionalização instauradas pelo Estado Novo, já que

A participação do Brasil na guerra, a partir de 1942, acirrou as animosidades, pois a ação nacionalizadora se intensificou junto aos imigrantes (e descendentes) alemães, italianos e japoneses – transformados, também, em “potenciais inimigos” da pátria. (SEYFERTH, 1997, p. 03)

Dentro desse contexto, muitos clubes recreativos, escolas e entidades esportivas ligadas aos imigrantes foram fechadas por não se enquadarem às normas de nacionalização impostas pelo Estado Novo (SEYFERTH, 1997). No caso específico do G.E. Flamengo, formado essencialmente por descendentes de imigrantes italianos, a intolerância do governo pode ter sido a causa dos problemas enfrentados pelo clube, já que é notório na análise das atas que com o afastamento dos militares houve consequente diminuição da verba.

Nesse período, os quadros de rivalidade no futebol se encontravam enfraquecidos, diminuindo aparentemente a mobilização da torcida nos campeonatos citadinos. No entanto, os apelos pela volta do clube às atividades se faziam constantes. Algumas publicações jornalísticas traziam à tona a necessidade que havia de colocar o futebol da cidade de volta aos palcos: “[...] Dizem que os papos [E.C. Juventude] vão mandar buscar o Grêmio e o Cruzeiro, a fim de vencê-los e com isso levantar a moral e valor do futebol local [...]” (O MOMENTO, 24 jun. 1944).

Com certeza, mais do que nunca, se fazia necessária a prática futebolística em cena a fim de reafirmar aqueles valores que tanto estavam sendo depreciados pela política da época. Com a ausência do G.E. Flamengo, os quadros de rivalidades estavam em risco e, consequentemente, a mobilização frente ao campeonato citadino estava comprometida. Assim, alguns caxienses e migrantes vindos de outras regiões passaram a torcer pelos times da capital, principalmente pelo Sport Club Internacional (S.C. Internacional). O jornal *A Época* coloca que “[...] os colorados tinham notável torcida a seu favor, coisa que não podemos compreender [...]” (A ÉPOCA, 04 jul. 1948, p. 3).

Pode-se verificar que a decadência do futebol citadino resultava em um forte declínio das práticas que reforçavam a construção identitária dos ítalo-brasileiros. A preferência da torcida por times da capital refletia a decadência das rivalidades no futebol da cidade na época, assim como a inserção de diferentes migrantes em Caxias do Sul. A chegada de grupos advindos de outras partes do estado disseminava valores culturais diferentes, o que se refletia também no futebol. Assim, os jornais da época publicavam seguidamente matérias demonstrando apoio à nova ascensão da prática futebolística na cidade.

A partir de 1943, a diretoria do G.E. Flamengo passou a reunir-se anualmente, a fim de continuar com os trâmites legais do clube. A ata 111 de 16 de dezembro de 1944 já apresenta indícios de esforços para o reerguimento das atividades futebolísticas do clube. Entre essas medidas estavam o apoio financeiro de todos os sócios efetivos do clube a fim de levantar economicamente o G.E. Flamengo.

Em 1946, através de uma Assembléia Geral, a direção do G.E. Flamengo decidiu que iria participar do campeonato citadino do ano seguinte. Já antes do início do campeonato citadino o G.E. Flamengo entra em cena para um amistoso com o Grêmio Esportivo Fluminense (G.E. Fluminense)³⁵. Esse fato emerge nos jornais de maneira muito positiva e entusiasmada:

³⁵ O G.E. Fluminense surgiu a partir do término das atividades futebolísticas do G.A. Eberle, equipe de forte competitividade nos campeonatos citadinos até 1945. O G.A. Eberle, ao encerrar suas participações futebolísticas, mobilizou jogadores e simpatizantes do clube que, adversos à decisão, conseguiram passar seu estádio (Colina Fantasma), as cores (azul e amarelo) e jogadores para o

Amanhã: FLA-FLU [...] Os meios esportivos da cidade aguardam, anciãos, o embate que será travado na tarde de amanhã no estádio do G. A. Eberle, no qual serão contendores, os esquadrões do G. E. Fluminense, campeão da cidade de 1946, e do veterano G. E. Flamengo que acaba de reerguer-se. [...] não será exagero afirmar que um grande público aflairá no gramado dos metalúrgicos para levar seu incentivo aos seus craques prediletos. (O MOMENTO, 07 jun. 1947, p. 4)

Era uma nova era do futebol caxiense que estava ascendendo. Mais uma vez os valores dos ítalo-brasileiros se disseminariam positivamente frente ao estado. O campeonato citadino inicia-se em 6 de julho de 1947 e, já no primeiro jogo, o G.E. Flamengo enfrenta novamente o G.E. Fluminense vencendo a partida por 5 a 2. Na sequência, a equipe flamenguista enfrenta seu maior rival, o E.C. Juventude, e novamente conquista a vitória goleando a equipe alviverde por 4 a 0.

O campeonato se desenvolveu de forma equilibrada até que na final do segundo turno o E.C. Juventude, necessitando de uma vitória frente ao G.E. Fluminense para que pudesse disputar a final do torneio com a equipe Flamenguista, foi suspenso por 15 dias pela L.C.F. Desta maneira o clube Alviverde perderia os pontos e cederia a conquista antecipada do campeonato para o G.E. Flamengo. Entretanto, por motivos desconhecidos a Liga Caxiense de Futebol, revogando sua decisão, marcou a data da disputa da partida para 5 de outubro de 1947. O *Momento* publicou nota de indignação em relação à falta de convicção da L.C.F.: “O que foi que aconteceu? E a suspensão dos papos? Que é que há com o pirú da Liga! Que anarquia! Não acha leitor?” (O Momento, 04 out. 1947, p. 03).

Mas qual motivo levaria a L.C.F. a anular sua decisão anterior? Seria uma tentativa de acirrar a rivalidade do futebol citadino que se encontrava tão enfraquecida? Se foi esse o intuito, o desenrolar do campeonato falou por si só. A equipe alviverde venceu por 2 a 1 o embate frente ao G.E. Fluminense, levando a decisão do título citadino a uma melhor de três contra o G.E. Flamengo. A primeira partida foi vencida pelo E.C. Juventude com o placar de 5 a 4. Na sequência, o G.E. Flamengo obteve dois resultados favoráveis: 1 a 0 e 3 a 0. Este último vencido na prorrogação. Assim, o G.E. Flamengo tornou-se campeão citadino de 1947, retomando seu espaço frente ao quadro futebolístico de Caxias do Sul.

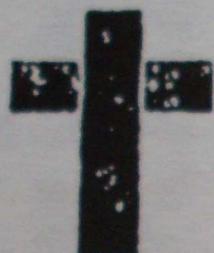
G.E. Fluminense, que na época era um time amador da cidade. O G.E. Fluminense, então, passou a disputar os campeonatos citadinos, sagrando-se campeão no ano de 1946 (CÔRTEZ, 2008). O clube encerrou suas atividades no ano de 1953, por problemas financeiros.



Ilustração 6: Grêmio Esportivo Flamengo campeão da cidade de Caxias do Sul em 1947. Em pé da esquerda para direita: Sarará, Machado, Chicão, Chibarro, Ari, Detânico, Hegínio, Ariosto e Luiz Cruz. Agachados da esquerda para direita: Pavãozinho, Alemãozinho, Lady, Letti e Sady. Fonte: Arquivo Pessoal J. R.

Com certeza, as disputas promovidas pelo campeonato citadino de 1947 marcaram uma nova fase do futebol caxiense. As rivalidades renasciam entre os clubes e mobilizavam torcedores e imprensa. Uma nota publicada no jornal *O Momento* pelos flamenguistas denota claramente a força com que a rivalidade aflorava no seio do futebol caxiense.

CONVITE PARA SEPULTAMENTO



Vva. Julio — Vva. Tonleto — Vva. Galopeto — Vva. Wilson (ausente) — Vva. Brandalizi — Vva. Marcon — Vva. Nilson — Vva. Ronato — Vva. Brito — Vva. — Vva. Mario Martini — Vva. Tito — Vva. Longui (ausente) — Vva. L. Cruz (ausente) — Vva. Macedo (ausente) e demais parentes do sempre chorado

Papos-Verdes

(Queriam ser campeões de 1947)

miseravelmente amassados hoje à tarde em um conflito que teve com seus credores • os marmeladas • isto realizando-se em sua própria oanha com arrastantes passagens da sengrenagosa Detanico, Lady & Cia, vêm acachapadamento convidar os amigos papudos, secadores e demais parentes (doles) para o sepultamento do mesmo, o qual deverá sair duma nota chave às 2 horas e 1 minuto, sendo obrigatório traje de gala (tango e mão no bolso).

Condução a vontade — Carrinhos de mão, Trenzinhos e autos da Praça Rui Barbosa, telefone 1 a 0.

Depois do sepultamento será distribuído Polenta, vinho Titto, Alfredol e bolinhos de Tissot recheados com Mirin a todos aqueles que os acompanharem.

Lembrança do 4º FLA-JU 1 x 0

Que tal? Tá bem assim?

Se não tá deixa.

Se tiver dor de cabeça

Tome FLAMENGO.

Ilustração 7: nota referente ao campeonato citadino de Caxias do Sul de 1947, no qual o G.E. Flamengo (marmeladas) foi campeão na melhor de três contra o seu arquirrival E.C. Juventude (conhecidos como papos). Fonte: O Momento, out. 1947.

É perceptível na nota acima a forte rivalidade incitada pela volta do G.E. Flamengo aos campos. Essa rivalidade, porém, sublimava-se frente aos confrontos com equipes de outras cidades. Um exemplo claro disso é notado em amistoso que a equipe Juventudista realizou contra o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense em comemoração aos seus 34 anos de existência.

[...] a diretoria decidiu emprestar sua bandeira ao Juventude, a fim de participar das solenidades comemorativas do aniversário desse coirmão. Foi nomeada a comissão para ativar o Livro de Ouro, ou seja, começou a romaria para obtenção de recursos. Essa comissão ficou assim constituída; José Luiz de Macedo Ribeiro, Omar Martins e Plínio Ribeiro Mendes [...]. (ATA nº 123, 27 jun. 1947.)

Neste caso fica claro como a questão étnica se sobrepõe à rivalidade local dos clubes da cidade. Como o embate comemorativo da equipe alviverde se daria contra a equipe da capital, o G.E. Flamengo apóia seu arquirrival tanto moralmente como financeiramente, já que se via no futebol uma maneira de fazer emergir positivamente a imagem dos descendentes de imigrantes após a política depreciativa do Estado Novo getulista.

Após a conquista do título de campeão da cidade, o G.E. Flamengo retoma as disputas estaduais elevando o nome da cidade perante o estado. Como a falta de recursos ainda assolava o clube, os embates estaduais ficariam comprometidos, já que não havia renda para pagar as viagens que os jogadores teriam de fazer pelo estado. A ata de 13 de novembro de 1947 explana a situação:

Alcides Almeida iniciou a sessão dizendo que o clube andava mal de finanças e consequentemente não poderia enfrentar as despesas do campeonato em questão. Foi, então, a vez de falar de Germano Pisani, o qual se prontificou pessoalmente a pagar todas as despesas que ocorressem com transporte ou diárias de jogadores para outras localidades, fora de Caxias do Sul. (ATA nº 138 13 nov. 1947)

Ao se propor a pagar as despesas do clube, a atitude de Germano Pisani mostra que a disputa estadual não é importante apenas para o G.E. Flamengo. De certa forma, via-se o clube como um meio de enaltecer e integrar a cidade e sua população frente ao estado, já que em sua maioria era formada por descendentes de imigrantes. Esses descendentes carregavam consigo as marcas de um processo de nacionalização que os via como alienígenas para a nação (SEYFERTH, 1997).

[...] os grupos étnicos e suas culturas são definidos como quistos (ora raciais, ora exóticos, ora alienígenas) e as etnicidades expressadas por termos como germanismo, polonidade, italianidade, etc; são vírus que atingiram o corpo da nação, ameaçando sua integridade. (SEYFERTH, 1997, p. 09)

Assim, as disputas futebolísticas poderiam sustentar e apoiar a recuperação da imagem positiva dos descendentes de imigrantes italianos, pois possibilitava a integração desse grupo com as demais etnias do estado.

A equipe flamenguista enfrentou primeiramente o Lajeadense, em seguida o Guarany de São Sebastião do Caí e o Santa Cruz, time representante da cidade que lhe empresta o nome. Passando por esses adversários, o G.E. Flamengo se tornou campeão da Zona Leste e, por determinação da F.R.G.F., enfrentou o representante da Zona Serra, o 14 de julho de Passo Fundo.

Um fato curioso, possivelmente reflexo da política de nacionalização instaurada por Getúlio Vargas, sucedeu no embate entre o G.E. Flamengo e o 14 de julho de Passo Fundo. O jornal *O Momento* destaca o acontecido:

[...] Temos a lamentar que a torcida do 14 de julho tenha caçado de nós, chamando-nos de “colonos”, “cacienses” e outros adjetivos que nos deixaram má impressão destes desportistas. Sim, nós caxienses podemos ser “colonos”, mas praticamos um futebol decente! [...] (O MOMENTO, 06 dez. 1947, p. 06)

A matéria explana claramente a depreciação sofrida pelos descendentes de imigrante italiano. Apesar de negativo no que se refere à construção identitária dos ítalo-brasileiros em Caxias do Sul, o acontecido repercutiu de forma a reforçar os processos de afirmação daquela identidade.

No jogo de volta na disputa com o 14 de julho, o G.E. Flamengo também contou com o apoio da torcida alviverde. A necessidade de provar que “os colonos de Cacicas” eram, sim, civilizados e moralmente corretos levou à união de flamenguistas e juventudistas, já que ambos faziam parte daquele grupo que estava sendo desvalorizado pelos passo-fundenses. “[...] A expectativa em torno do encontro de domingo último atraiu aprazível reduto dos verdes, na Quinta dos Pinheiros” (O MOMENTO, 13 dez. 1947, p. 04).

O G.E Flamengo termina o jogo vencendo por 6 a 0.

Os colonos de Cacias deram um baile nos periquitos da serra. 6 x 0 no placard. Ótima atuação do árbitro Romeu Viola. Lady, Sady, Alemão (2), Detânicco e Chicão os goleadores. A sobremesa de çá com bolaça e çaruto! (O MOMENTO, 13 dez. 1947, p. 06)

A vitória sobre o 14 de julho, com certeza, representou muito mais que uma conquista futebolística. O êxito frente à equipe passo-fundense representou o enaltecimento dos descendentes de imigrantes que tão destratados foram por tal equipe. A ata de 8 de dezembro de 1947 explana claramente os valores desta vitória:

[...] um voto de louvor a todos os atletas do valoroso Grêmio Esportivo Flamengo pela maneira brilhante que se tem conduzido vitórias para o valoroso pavilhão tricolor, vitórias estas do campeonato estadual de amadores, com as quais o Flamengo tem contribuído para o engrandecimento do esporte gaúcho e, com isso, contribuindo para o fortalecimento da raça. [...] A todos os atletas do Flamengo a diretoria agradece o esforço até então empregado pelos seus queridos atletas, apelando para que continuem batalhando cada vez mais pelo engrandecimento do futebol caxiense. (ATA nº 145, 8 dez. 1947.)

Após o fim da polêmica disputa com o 14 de julho, o esquadrão flamenguista enfrentou o S.C. Internacional de Porto Alegre na final do campeonato estadual de aspirantes. O primeiro jogo, realizado no Estádio da Montanha (pertencente ao Cruzeiro de Porto Alegre) em 13 de dezembro de 1947, acabou empatado, levando a decisão a Caxias do Sul. “O empate foi festejado em grande escala nesta cidade. Esse empate é uma vitória para Caxias do Sul [...]” (O MOMENTO, 13. dez. 1947, p. 04).

O resultado animou os torcedores e, novamente, a representação da cidade pelo G.E. Flamengo foi exaltada. O jogo de volta acabou com a vitória do S.C. Internacional por 5 x 1, mesmo assim, o resultado foi visto como uma conquista para Caxias do Sul. “[...] Caxias do Sul, a Metrópole do Vinho, pode e deve orgulhar-se que o Grêmio Esportivo Flamengo, seu digno representante no referido certame, tenha feito campanha tão bonita e que honra muito o desporto desta próspera terra.” (O MOMENTO, 24 dez. 1947, p. 04)

E, assim, terminou o ano de 1947 para o G.E. Flamengo. O retorno do clube aos campos, com certeza, marcou uma nova fase do futebol caxiense e na demarcação da identidade ítalo-brasileira no estado. A preocupação com a representação positiva dos caxienses como um povo batalhador, educado e

moralmente correto ficou clara no decorrer dos campeonatos, tanto que, até mesmo a rivalidade que renasceu no ano de 1947, se sublimava frente aos embates intermunicipais. Portanto, fez-se necessária uma retomada da difusão da importância do ítalo-brasileiro para o desenvolvimento nacional em contraponto aos resquícios deixados pelo Estado Novo getulista, já que:

Seus idealizadores criticavam, sobretudo, a política de colonização com imigrantes mantida durante a Primeira República, argumentando que a elite não corrigiu os “erros” cometidos no Império, permitindo que estrangeiros formassem núcleos isolados, quase imunes ao processo assimilador característico da formação social brasileira. (SEYFERTH, 1997, p. 01)

1. 2 O tricampeonato citadino e o primeiro campeonato estadual

Em 1948, a equipe flamenguista conquista o tricampeonato citadino antecipadamente, acirrando a rivalidade com o E.C. Juventude, que há oito anos não conquistava um título (MICHELIN, 1997). Na disputa estadual, o clube dos marmeladas disputou até a semifinal, a qual perdeu para o Atlântico por 4 x 2 em Caxias do Sul e 2 x 0 em Erechim, cidade representada pelo adversário. Após a disputa do estadual em 1948, o G.E. Flamengo só voltou a conquistar o título citadino em 1951. Ainda em 1948, é fundada a Ala Feminina³⁶ do G.E. Flamengo, com o objetivo principal de “angariar fundos” (ATA nº 149, 28 jan. 1948).

Já em 1951, o clube foi campeão da Zona Leste no campeonato estadual que, pela primeira vez, foi disputado na forma de quadrangular e não de jogos ida e volta como estava sucedendo-se até então. Novamente, a equipe grená encerrou a competição na semifinal, perdendo para o Ypiranga de Erechim. Ainda no mesmo ano, o G.E. Flamengo reinaugura o seu estádio, a Baixada Rubra, que havia sido fechado por motivos financeiros.

O próximo título se daria em 1953, quando os flamenguistas se consagraram vencedores de mais um torneio da cidade. A vitória levou o G.E. Flamengo à disputa

³⁶ A discussão acerca da Ala Feminina do G.E. Flamengo se dará com maior embasamento no item subsequente.

estadual³⁷ do ano em questão. Nesse mesmo período, a F.R.G.F. muda o formato do campeonato criando uma divisão de honra (equipes profissionais da região metropolitana) e a 2^a Divisão de Profissionais (clubes semi-profissionais do interior). O quadro flamenguista obteve, então, o primeiro título estadual que foi muito aclamado na cidade.

Após muitos e muitos anos de luta, o futebol caxiense obteve sua consagração máxima: um título de campeão do estado. O futebol caxiense, em várias oportunidades, demonstrou possuir uma classe soberba. Entretanto, por essas fatalidades que sucedem em futebol, sempre caímos por terra em momentos decisivos³⁸. Desta feita, no entanto, conseguimos nosso objetivo. Coube esse mister ao Grêmio Esportivo Flamengo que, portando-se com galhardia, pujança e entusiasmo, trilhou com brio e árduo caminho da luta, para ver coroados seus esforços na jornada final com um meritório título de Campeão Estadual de Profissionais da 2^a Divisão. (O PIONEIRO, 09 jan. 1954, p. 07)

É notável no trecho acima a representatividade que o G.E. Flamengo exercia acerca da população caxiense. Era a cidade que estava conquistando o título. Nesse ponto está também evidenciado que os valores dos ítalo-brasileiros eram transparecidos através do futebol, já que, a escrita mostra claramente, não somente a equipe flamenguista se consagrava campeã, mas também o povo batalhador que “trilhou com brio” o desenvolvimento da cidade de Caxias do Sul.

Ser campeão da 2^a Divisão de Profissionais, entretanto, não foi suficiente. Era necessária a ascensão ao grupo principal. Assim, superando novamente a rivalidade, G.E. Flamengo e E.C. Juventude, após resolverem algumas divergências em relação às possibilidades financeiras, enviaram à F.R.G.F. um pedido de entrada na Divisão de Honra do futebol estadual³⁹: “Segundo colheu nossa reportagem, deu entrada na FRGF na semana corrente, a documentação referente aos pedidos do Flamengo e Juventude para ingressarem na Primeira Divisão de Profissionais” (O PIONEIRO, 25 dez. 1953, p. 10).

³⁷ Remetendo-se aos documentos da L.C.F., não há registros de disputa de campeonato estadual nos anos de 1952. Um motivo plausível para o ocorrido pode estar contemplado no fato de que esse ano possivelmente representou o período de transição para o novo formato de campeonato estruturado pela F.R.G.F. Nesse novo modelo, a instituição criou uma divisão de honra (formada pelos clubes da região metropolitana, nos quais a profissionalização estava assimilada) e a 2^a Divisão de Profissionais (constituída por equipes semi-profissionais). Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.

³⁸ Os jornais da época acusaram diversas vezes a arbitragem de prejudicar o G.E. Flamengo durante as partidas.

³⁹ A Divisão de Honra era composta pelos seguintes clubes: Grêmio F.B.P.A. (Porto Alegre), S.C. Internacional (Porto Alegre), Força e Luz (Porto Alegre), Nacional (Porto Alegre), Renner (Porto Alegre), Cruzeiro (Porto Alegre), Floriano (Novo Hamburgo) e Aimoré (São Leopoldo).

Desta maneira, em fevereiro de 1954, a F.R.G.F. informa que, por unanimidade, os clubes da capital haviam aceitado a dupla Fla-Ju no grupo principal. Estava iniciada uma nova etapa no futebol caxiense, que no ano seguinte abandonaria o torneio citadino, focando apenas as disputas em nível estadual.

2. Do Grêmio Esportivo Flamengo à Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias

2. 1 Ala feminina G.E. Flamengo: a participação das mulheres no clube

Após a inserção na elite dos embates estaduais, em 1954, o G.E. Flamengo não conquistou mais títulos. Alguns acontecimentos, no entanto, são interessantes de serem analisados neste período. A manutenção da ala feminina merece destaque considerável, já que demarca a participação da mulher em um esporte aparentemente masculino dentro de uma sociedade conservadora, como a estruturada a partir dos costumes ítalo-brasileiros.

A ala feminina⁴⁰ foi inaugurada em 1948 com a finalidade de arrecadar fundos para o clube. No entanto, mesmo antes da implementação dos departamentos femininos, já era costume a presença das mulheres na abertura dos jogos. Elas eram consideradas como:

[...] parte primordial, pois sem sua beleza, sem a sua graça, sem o seu incentivo o próprio futebol perde muito do seu valor. Por isto cada clube procura abrillantar suas vitórias com os maviosos sorrisos de suas encantadoras fãs, organizando seus Departamentos Femininos para maior realce da juventude feminil. (ADAMI, p. 77, 1966)

É perceptível no trecho acima o discurso acerca da mulher delicada, bela e encantadora. A figura feminina era percebida não como participante do esporte, mas como um complemento de beleza que abrillantava os clubes. Esse estereótipo

⁴⁰ É interessante ressaltar que a participação da mulher continua ativa atualmente no clube. Apesar de já inseridas nos cargos de diretoria e administração, as mulheres ainda ocupam um espaço vinculado à graciosidade e beleza. O clube mantém concursos para a escolha da representante do mesmo na Festa da Uva de Caxias do Sul. A cada dois anos é realizada a escolha da mulher que levará o nome da S.E.R. Caxias junto às raízes ítalo-brasileiras na cidade. Vale destacar também que essas mulheres fazem a abertura de algumas partidas disputadas pela S.E.R. Caxias. Vestidas com calças longas, salto alto e camiseta do clube, elas entram em campo representando, de certa forma, a mulher ítalo-brasileira matriarcal, graciosa e repleta de valores morais católicos.

reflete o conceito de feminilidade advindo de uma sociedade conservadora orientada pelos valores morais da Igreja Católica. Nela o corpo feminino era visualizado “como um bem social a alojar a esperança de uma prole sadia” (GOELLNER, 2006, p. 02).

Especificamente, a Liga Feminina do G.E. Flamengo apoiava o clube financeiramente e moralmente. Analisando-se as atas⁴¹ observa-se que o departamento feminino, além de realizar atividades de cunho artesanal para arrecadar fundos para o clube, era encarregado de organizar as confraternizações sócio-recreativas.

Em 7 de dezembro de 1961, na sede da Ala Feminina do Grêmio Esportivo Flamengo, reuniram-se as componentes da Ala para tratar da festa de encerramento do ano, a realizar-se no dia 10 de dezembro de 1961 no Clube dos 100. Na referida reunião ficou decidido prestar-se uma homenagem aos jogadores, aos quais seria oferecido uma pequena lembrança. Ficou decidido também, que seria oferecido ao Sr Décio Viana um finíssimo cartão de prata. (ATA s/n, 7 dez. 1961)

Bailes, rifas, churrascos e jantares dançantes eram realizados pelas mulheres do G.E. Flamengo. Além disso, havia a participação nos concursos de beleza da cidade, especialmente na coroação da Rainha do Esporte de Caxias do Sul.

⁴¹ Os registros em ata, específicos do departamento relativos à Ala Feminina do G.E. Flamengo, iniciam-se em 1961, não havendo atas registradas anteriormente, ou por perda de documentos ou por não haver este tipo de organização nos anos retrocedentes.



Ilustração 8: Ala Feminina do G.E. Flamengo em 1954. Reunião para a escolha da candidata a Rainha do Esporte de Caxias do Sul (concurso promovido pelo jornal Vida Esportiva). Fonte: Adami, p. 125, 1966.

Não há registros, no entanto, de participação na prática futebolística ou em decisões da diretoria. Naquele contexto histórico específico, onde os direitos da mulher eram bem inferiores aos de hoje, elas desempenhavam funções concebidas como as mais indicadas para o gênero feminino. Mesmo assim, a participação da mulher no universo do futebol representou certa transgressão dos valores mais conservadores da época quanto às problemáticas relativas ao gênero.

Considerando-se o período histórico de fundação das alas femininas nos clubes (três anos após o término da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo getulista) e as atividades por elas exercidas, nota-se que as mulheres tiveram um importante papel na retomada dos olhares positivos sobre os ítalo-brasileiros. A participação das mulheres dentro dos clubes, especificamente no G.E. Flamengo, retratava o modelo social imperante naquele grupo étnico. A moralidade, o trabalho, a boa receptividade e os valores familiares eram transmitidos através das práticas exercidas por aquelas mulheres.

2. 2 A segunda grande crise financeira do G.E. Flamengo e a fusão com o E.C. Juventude: o aparecimento da Associação Caxias do Sul de Futebol

A partir de 1968 (período da ditadura militar no Brasil)⁴², o G.E. Flamengo inicia uma nova fase de crise financeira, juntamente com seu arquirrival E.C. Juventude. No clube flamenguista, a principal causa da crise foram as reformas necessárias no estádio do clube, a Baixada Rubra, e as despesas arcadas com o campeonato gaúcho, o qual exigia grandes investimentos em viagens e hospedagens dos jogadores.

Luta a diretoria com o velho problema financeiro. Um dos planos seria encetar uma campanha financeira, visando angariar fundos entre os associados do clube, para a instalação. Virgílio Batisti é o presidente do Departamento de Patrimônio do Flamengo. A intenção, segundo ele, é que a obra esteja concluída até novembro. Então, um grande festival de inauguração será realizado. Pensam os dirigentes tricolores em trazer grandes clubes do Rio, São Paulo e mesmo do Uruguai, além de Juventude, Grêmio e Internacional. (JORNAL DO PROGRESSO, jul. 1970, p. 15)

É interessante ressaltar aqui a direta relação que as crises financeiras no futebol de Caxias do Sul exerciam com o contexto político e social no Brasil. Mais uma vez a decadência dos clubes futebolísticos estava ligada a um período conturbado politicamente, acarretando possíveis perseguições e repressões aos ítalo-brasileiros (SEYFERTH, 1997). Como os clubes de futebol caxienses são espaços de construção identitária ítalo-brasileira, essas entidades sofriam diretamente os efeitos das políticas de repressão dos períodos ditoriais no país.

Com a falta de recursos, a possibilidade de fusão entre os dois clubes da cidade, já imaginada em outros períodos turbulentos, foi cogitada por ambos. Analisando-se as atas, fica claro que nessa união foi visualizada a solução para os problemas que se estabeleciam nas duas entidades. Dessa maneira, G.E. Flamengo e E.C. Juventude decidiram fundir seus departamentos futebolísticos, dando origem à Associação Caxias do Sul de Futebol (A.C.F.), que representaria o certame caxiense em âmbito estadual.

A A.C.F. foi inaugurada em 14 de dezembro de 1971 e encerrou suas atividades em 1975. Tratava-se de uma entidade com jurisdição à parte dos clubes que a constituiu e que tinha como principais objetivos elevar o futebol caxiense junto

⁴² A ditadura militar no Brasil foi estabelecida em 31 de março de 1964 e chegou ao final em 1985. Nesse período, muitos foram os casos de perseguição, tortura e desaparecimento de cidadãos brasileiros que mencionassem ou manifestassem qualquer tipo de oposição ao governo instaurado (COIMBRA, 2001).

às potências gaúchas (S.C. Internacional e Grêmio F.B.P.A.) e levantar financeiramente G.E. Flamengo e E.C. Juventude.

Uma das principais contribuições da A.C.F. para o clube flamenguista se deu no arrendamento da Baixada Rubra. Por não ter condições materiais de adequar seu estádio às normas da F.R.G.F., a qual exigia que os estádios tivessem capacidade superior a 25.000 pessoas, o clube aceitou a proposta da A.C.F. de arrendamento do seu estádio no ano de 1973. Assim, dois anos depois se instaurou o projeto de finalização do Estádio da Baixada Rubra. A nova casa do clube passaria a se denominar Estádio Centenário em homenagem aos 100 anos de imigração italiana que seriam completados no ano de sua inauguração.

A diretoria do G.E. Flamengo, tendo à frente o presidente Nelson Mário Rech, está elaborando a minuta do contrato de arrendamento do Estádio Baixada Rubra à Associação Caxias do Sul de Futebol. Esperam os dirigentes do Flamengo e do Caxias poderem assinar o documento já no decurso da próxima semana, após o que o Dr. Cláudio Eberle iniciará as démarches para execução das reformas que serão introduzidas no estádio que, segundo sua sugestão, será denominada “Estádio Baixada Rubra – Centenário”, uma vez que o Caxias pretende concluir-lo durante as comemorações do centenário da colonização, em 1975. (JORNAL DE CAXIAS, 05 mai. 1973, p. 14)

A diretoria da A.C.F. era composta por dirigentes⁴³ do G.E. Flamengo, E.C. Juventude e clubes amadores de Caxias do Sul. As reuniões eram efetivadas à parte, sendo que, tanto o clube alviverde quanto o clube flamenguista continuavam realizando o encontro de suas diretorias normalmente. Os sócios de ambos os clubes não exerciam o direito a voto.

Na qualidade de sócios, sem direito a voto, os sócios do G.E. Flamengo e do E.C. Juventude, terão acesso às dependências de seus respectivos Estádios em dias de jogo ou festividades promovidas pela A.C.F. enquanto vigorarem os contratos de arrendamento de seus próprios, observadas as normas e determinações de órgãos superiores. (ESTATUTO SOCIAL ASSOCIAÇÃO CAXIAS DE FUTEBOL, Tít. VII, cap. único, Art. 77º)

⁴³ A A.C.F. tinha como presidente Cláudio Eberle (representante do antigo clube Grêmio Atlético Eberle de grande prestígio em Caxias do Sul no período de 1934 a 1945). O conselho deliberativo era formado pelo Prefeito Municipal, Presidente da Câmara Municipal, Presidente da Associação Comercial e Industrial, Presidente do Centro da Indústria Fabril, Presidente do Clube dos Diretores Lojistas, Presidente da Comissão Central da Festa da Uva, Presidente do Diretório Central dos Estudantes da UCS, Presidente do Sindicato do Comércio Varejista, Presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio e Representante dos Sindicatos Reunidos dos Empregados na Indústria (Estatuto Social Associação Caxias do Sul de Futebol, Tít. VII, cap. Único, Art. 76º) Este conselho escolhia os candidatos que iriam assumir a presidência do clube e “por delegação da Assembléia Geral, é o poder soberano da A.C.F.” (Estatuto Associação Caxias do Sul de Futebol, Tít. III, cap. III, Art. 27º).

O clube juventudista, que tinha diversos departamentos na área dos esportes, continuou com a sua atuação nos mesmos, destacando-se seu departamento de futsal e tênis.

Quanto às conquistas no futebol, a A.C.F. não obteve vitórias significativas em campeonatos disputados. A explanação deste período, no entanto, se torna relevante, já que a rivalidade local entre o E.C. Juventude e G.E. Flamengo sucumbiu temporariamente frente à necessidade de representação da cidade no âmbito futebolístico.

Mesmo estando fora do quadro futebolístico, o G.E. Flamengo não deixava de realizar suas atividades sócio-recreativas.

[...] Na noite de terça-feira, no restaurante do Salão Paroquial de São Pelegrino, foi realizado o jantar comemorativo ao 38º ano de fundação do G.E. Flamengo. Foi orador o Padre Eugênio Giordani. Participaram da festividade cerca de trezentas pessoas, entre autoridades, associados do Flamengo, convidados especiais. (JORNAL DE CAXIAS, 14 abr. 1973, p. 14)

Mais uma vez nota-se nos registros das atividades do clube o reforço constante com os laços católicos e com as práticas que desde a chegada dos imigrantes, em 1875, eram cultivadas.

Um fato interessante diz respeito à constituição do clube. Notoriamente, o G.E. Flamengo sempre teve boa receptividade em relação aos jogadores de diferentes etnias. Uruguaios, argentinos, italianos e negros compuseram o quadro de jogadores desde os primeiros anos de existência do clube. Entretanto, no que tange à constituição da diretoria, os descendentes de imigrantes sempre estiveram à frente do clube ao longo de toda sua história. Denota-se, assim, a apropriação do futebol, em especial do G.E. Flamengo, como meio de manter vivos os laços identitários étnicos dos ítalo-brasileiros. Tais laços estavam ali representados e dentro do futebol eram reforçados, o que sucede até os dias atuais.

Por ser a A.C.F. um clube formado a partir da fusão de dois rivais históricos na cidade, seria natural algumas controvérsias frente a esse fato. A partir de 1973, as rivalidades entre os dois times se acirraram e, com isso, começaram a surgir

rumores de retorno aos campos, tanto da equipe juventudista, quanto do G.E. Flamengo.

A ata nº 69 do dia 06 de dezembro de 1971 da A.C.F., estipula que “a diretoria fica autorizada a pedir licenciamento do Departamento de Futebol Profissional por um prazo de até dois anos”. Esse fato, juntamente com a ampliação da Quinta dos Pinheiros e os constantes desentendimentos com o G.E. Flamengo, instigou o desejo do E.C. Juventude de retornar aos campos. Por outro lado, a equipe flamenguista aguardava a finalização das obras na Baixada Rubra, a fim de que tivesse condições de voltar às disputas futebolísticas.

A charge abaixo revela como se encontravam os ânimos na época e as possibilidades de retorno ao futebol dos arquirrivaos:



Ilustração 9: Fonte: Jornal de Caxias, 29 set. 1973, p. 02.

Parte dos desentendimentos se deviam ao fato de que a A.C.F. estaria representando muito mais os flamenguistas que os juventudistas. O *Jornal de Caxias* explanava essa situação, acirrando as animosidades:

Associação seria Flamengo com outro nome? – [...] os que vêem grande identidade entre Associação e Flamengo justificam seu pensamento: o estádio é do Flamengo; foi arrendado, será construído um novo estádio que ao final de certo tempo reverterá ao Flamengo. A maioria dos elementos da

diretoria da Associação, tanto esportiva como de patrimônio, é oriundo e continua sócia do G. E. Flamengo. Os funcionários de campo – massagista, roupeiro, cozinheiro, encarregados da manutenção do estádio, são todos do Flamengo, além do que, a maioria dos jogadores que ficaram na Associação pertencem ao Flamengo. Do Juventude somente Severo continua no plantel alvi-negro. Fica, portanto, a pergunta para quem quiser responder. (JORNAL DE CAXIAS, 18 mai. 1974, p. 18)

Como tentativa de acalmar os ânimos entre os dirigentes e torcedores, tanto do G.E. Flamengo como do E.C. Juventude, a A.C.F. cogitou a possibilidade de mudança de suas cores. Tal alteração também emergiria como um meio de evitar uma provável destituição da A.C.F. e demonstrar que a Associação Caxias do Sul de Futebol representava a cidade que lhe emprestava o nome e, principalmente, os descendentes de imigrantes que se viam retratados nos dois clubes arquirivais.

Circulam notícias na cidade de que a Associação Caxias do Sul de Futebol estaria propensa a mudar as cores oficiais do clube. Segundo informações a troca seria em homenagem ao Centenário da Imigração e Colonização Italiana e o uniforme passaria a ter as cores bordô, verde e branco “conforme as cores da bandeira da Itália”. Mas a verdade pode ser outra. Primeiro: a bandeira italiana não tem cor bordô e, sim, vermelha. Segundo: esta cor memoriza a cor oficial do GE Flamengo. Terceiro: com o verde, do Juventude, e o branco, da Associação, a mudança serviria de unificação da torcida local. (JORNAL DE CAXIAS, 24 nov. 1974, p. 22)

Em setembro de 1974, o E.C. Juventude aceitou o convite da F.R.G.F. e decidiu retornar aos campos. A notícia empolgou a torcida alviverde e causou protestos advindos da A.C.F. A volta da rivalidade, porém, foi vista como um fator positivo no que se refere ao número de torcedores que compareciam a campo nos jogos da Associação Caxias do Sul de Futebol. A emergência dessa nova rivalidade traria de volta a empolgação dos torcedores já vista em outras épocas. Trata-se de uma rivalidade histórica, a qual alimentava o futebol da cidade.

Tanto a torcida como a direção do clube ficaram muito orgulhosos com a notícia recebida. O que já não aconteceu com a Associação Caxias do Sul de Futebol [...]. Entretanto acredita-se que a volta do Juventude será benéfica para o nosso futebol, pois é comprovado, através das rendas obtidas no Estádio da Baixada Rubra, até o dia de hoje, que o número de pessoas que lá comparecem é bem menor do que quando tínhamos o Flamengo e o Juventude. Quem sabe com a volta do Ju, com a existência de uma rivalidade – é claro sadia – o público também volte, de um todo, a vibrar nos estádios como antigamente, dando melhores rendas e melhores condições aos dois clubes de Caxias do Sul. (JORNAL DE CAXIAS, 11 set. 1974, p. 19)

Pode ser que a justificativa para o entusiasmo do retorno do E.C. Juventude aos campos estivesse pautada, subjetivamente, na questão de efetuar uma

ampliação na renda dos jogos. A volta da rivalidade, entretanto, aparece como um grande motivador deste apelo positivo à nova emergência do clube alviverde. Rivalidade esta que, apesar de emergir dentro de um mesmo grupo étnico, se fazia necessária frente ao envolvimento com a prática futebolística, já que “[...] os torcedores assumem de fato uma identidade que os diferenciam um do outro. E essas identidades foram forjadas historicamente, a partir principalmente de suas respectivas origens” (ZAGO, 2002, p. 161).

Concomitantemente, esta necessidade de reerguimento da rivalidade histórica entre os clubes demonstra como, mesmo dentro de uma mesma etnia, não há somente uma identidade, mas sim identidades múltiplas (MAZO, 2009).

Para flamenguistas, no entanto, a possibilidade de retorno aos campos se via cada vez mais distante. As dívidas com o INPS e a crise financeira levaram o clube a hipotecar alguns de seus imóveis e a volta à atuação futebolística ficou ainda mais afastada.

Os membros do Conselho Deliberativo do G. E. Flamengo estão sendo convocados pelo presidente Nelson Mário Rech para uma reunião extraordinária que se realizará no dia 2 de outubro, terça-feira, na sede administrativa do clube, rua Garibaldi 803, em primeira convocação as 19:00 horas e em segunda as 20:00 horas. A reunião visa autorizar a presidência a hipotecar parte dos imóveis pertencentes ao Flamengo, como garantia da dívida do mesmo perante ao INPS. (JORNAL DE CAXIAS, 29 set. 1973, p. 16)

Com o arrendamento do seu estádio e a crise financeira, o G.E. Flamengo decidiu fundir seu departamento de futebol com a A.C.F. Em 1975, a Associação Caxias do Sul de Futebol, enviou aos seus dois clubes fundadores, G.E. Flamengo e E.C. Juventude, um pedido de integração definitiva ao seu departamento de futebol. Este ofício tinha como principal intuito montar uma equipe futebolística que tivesse condições de ascender à elite do futebol estadual e profissional. A equipe alviverde, no entanto, não compareceu à Assembléia Geral que decidiria a fusão definitiva dos clubes resolvendo, assim, automaticamente retornar aos campos. A proposta foi discutida, então, com o G.E. Flamengo.

A principal preocupação da A.C.F. se dava no sentido de representar e enaltecer a cidade de Caxias do Sul. Muitas foram as discussões quanto a essa união. Uma das principais se deu em função do nome que seria dado ao novo clube.

Alguns sócios do G.E. Flamengo defendiam a permanência do nome flamenguista. Entretanto, a necessidade de elevar o nome da cidade, deu créditos a favor da mudança do nome do clube marmelada para a Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul, dando início a uma nova fase no futebol caxiense.

Senhores, independentemente das raízes clubísticas de cada um, na citada reunião de empresários, ficou claro e evidente que todos darão seu apoio integral e financeiro a agremiação esportiva ou recreativa que levar aos quatro cantos do continente, e fora dele, o nome de nossa Caxias do Sul. (ATA nº 63, 17 out. 1975)

Esta união encerrou mais uma era do futebol de Caxias do Sul e deu início à implantação do clube que até hoje contribui para a disseminação dos valores morais e sócio-culturais dos ítalo-brasileiros: a Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul (S.E.R. Caxias).

CAPÍTULO IV

1. A emergência da Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul

Tendo emergido da união dos departamentos de futebol e de patrimônio do G.E. Flamengo e da Associação Caxias do Sul de Futebol, a Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul entrou na cena futebolística estadual com êxito. O primeiro clássico citadino entre S.E.R. Caxias e E.C. Juventude, realizado pela Copa Governador, foi muito aclamado e retomou a rivalidade que por quatro anos havia sido abafada. O jornal *O Pioneiro*, em 6 de dezembro de 1975, publicou matéria enfatizando o novo clássico:

CA-JU: AJUSTE DE CONTAS - Quatro anos demorou para que os dois clubes se defrontassem. Os dirigentes se degladiaram verbalmente seguidas vezes. As brigas do Juventude contra o Caxias, do Caxias contra o Juventude, chegaram a estremecer as relações até particulares. Todas as brigas, todas as acusações, todas as celeumas, destes últimos quatro anos de futebol caxiense, estarão frente a frente amanhã na Baixada Rubra. (*O PIONEIRO*, 6 dez. 1975, p. 1)

A emergência da S.E.R. Caxias incitava a renovação daquela rivalidade diretamente ligada ao passado, quando o clássico Fla-Ju estremecia os ânimos dos torcedores caxienses. “[...] estão aí, flamantes, duas grandes equipes dividindo e polarizando a opinião pública, carreando com isto, grande movimentação e dando novo alento e perspectivas ao nosso futebol” (*O PIONEIRO*, 06 dez. 1975, p. 38).

Já no ano seguinte, a S.E.R. Caxias conquistou o direito de participar do campeonato nacional, sendo o único clube do interior a entrar na competição. Em 1978, conquistou o terceiro lugar no campeonato gaúcho e a décima colocação no campeonato nacional, composto por 72 clubes (CÔRTES, 2008). Essas conquistas ofereceram grande êxito às intenções dos empresários caxienses e dos dirigentes do G.E. Flamengo de honrar o nome da cidade ao fundarem a Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul, afinal,

[...] somos caxienses, uns de nascimento, outros de coração, como muitos de nós. Quem de nós não se orgulha de ser caxiense? E porque não vamos nos orgulhar de pertencer ao clube que terá a honra de levar o nome da potência de Caxias do Sul [...]. (ATA nº 63, 17 out. 1975)

Nota-se a forte noção de pertencimento à cidade relacionada ao clube. Esse pertencimento revela uma marcante referência ao grupo étnico que fundou Caxias

do Sul, os ítalo-brasileiros. Neste sentido, o futebol distingue-se como uma das principais atividades mediadoras da afirmação desta identidade.

As cores da S.E.R. Caxias pautam-se no uniforme do G.E. Flamengo: branco, azul e grená, esta última alude a um dos principais frutos do trabalho dos ítalo-brasileiros, o vinho. Fruto este, que até hoje nos remete a esse grupo étnico. O emblema do clube (círculo metalúrgico) foi inspirado diretamente na questão do trabalho, um dos principais valores difundidos pelos ítalo-brasileiros.



Ilustração 10: Imagem da bandeira da Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul. Fonte: arquivo digital S.E.R. Caxias. Disponível em: <http://www.sercaxiasdosul.com.br>.

O principal mascote do clube, o Bepe (mais conhecido como Radicci), foi criado em 1990 pelo cartunista Iotti. Trata-se da figura de um ítalo-brasileiro, fanfarrão e que tem sempre à sua mão uma taça de vinho. Sua vestimenta e seu falar remetem diretamente aos imigrantes italianos que desenvolveram a cidade. Esse mascote foi rapidamente adotado pelo clube e pela sua torcida.

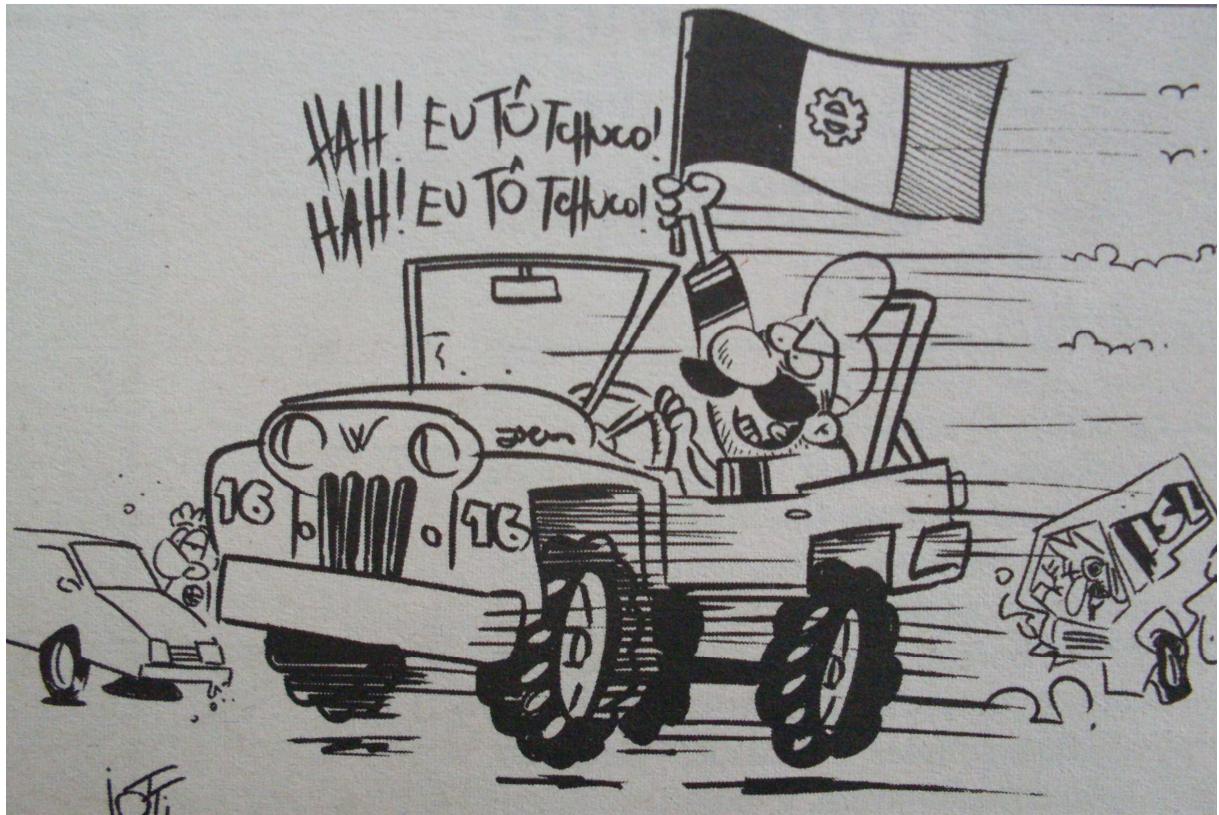


Ilustração 11: Charge referente à conquista do campeonato gaúcho de 2000 pela S.E.R. Caxias.
Fonte: *O Pioneiro*, 8 mai. 2000, p. 25.

Toda a simbologia instaurada pela S.E.R. Caxias reforça a ligação direta da prática do futebol como subsídio para a difusão positiva da italianidade brasileira. Por ser um esporte popularizado, os ítalo-brasileiros viram ali o meio para divulgar, afirmar sua identidade étnica e reafirmá-la em períodos conturbados como o Estado Novo Getulista e a Ditadura Militar.

2. O Campeonato Gaúcho de 2000

Após as conquistas alcançadas nos anos 70 pela S.E.R. Caxias, o título de campeão estadual do ano 2000, com certeza, aparece como uma das mais relevantes vitórias, tanto no âmbito futebolístico quanto no de reafirmação da identidade ítalo-brasileira.

Mais que uma vitória esportiva, o campeonato gaúcho de 2000 representou a reafirmação dos descendentes de imigrantes frente ao estado. A elevação do nome da cidade em âmbito estadual e nacional emerge como fator positivo e que remete

às raízes da identidade étnica ítalo-brasileira. Alguns elementos típicos desse grupo étnico sobressaem-se como corroboração ao fato, como na foto abaixo:



Ilustração 12: Foto referente ao embate realizado no Estádio Olímpico entre Grêmio F.B.P.A. x S.E.R. Caxias, no qual este último sagrou-se campeão do campeonato gaúcho de 2000. Fonte: O Pioneiro, 22 jun. 2000, contracapa.

Na foto, observa-se a referência direta aos ítalo-brasileiros. Ao grifar “Caxias” e “Polenta”, alimento típico da mesa ítalo-brasileira, o torcedor remete aos costumes daquele grupo étnico. A necessidade de demonstrar a ligação daquele time vitorioso às tradições da italianidade brasileira, mesmo que subjetivamente, é percebida nesse episódio.

O decorrer da referida competição coloca algumas questões interessantes. Uma delas é a grande rivalidade entre as equipes futebolísticas de Caxias do Sul e da capital Porto Alegre. Mesmo sendo o Brasil um país unificado, vemos que o foco de valorização, tanto cultural quanto econômico, está voltado principalmente às capitais. Nesse sentido, pode ser que a afirmação do grupo étnico em questão se veja prejudicada.

Mais uma vez, os jornais apontam a união dos caxienses a favor do time grená demonstrando, no universo simbólico do futebol, que a disputa se daria não somente entre as equipes, mas também como um confronto de identidades. A imagem abaixo confirma tal hipótese:



Ilustração 13: Fonte: O Pioneiro, 17, 18 jun. 2000, capa.

Fazendo-se um levantamento das finais de campeonato gaúcho das últimas décadas, fica claro que as únicas equipes que conseguiram conquistar um título de campeão gaúcho, além da dupla Gre-Nal, foram a S.E.R. Caxias e o E.C. Juventude. Esse embate futebolístico, subjetivamente, revela um confronto de identidades.

A alvorada gaúcha já não é mais a mesma. Depois de, durante cerca de 60 anos, o Rio Grande do Sul ser colorido com o vermelho e o azul, chegou a vez do Caxias mostrar a sua cara. Em todos estes anos, a não ser pelo também inédito título do Juventude em 1998, a dupla Gre-Nal foi soberana. Agora, mais uma vez, o Interior, muitas vezes tachado de violento, sem categoria, venceu [...]. (O PIONEIRO, 22 jun. 2000, p. 02)

Na reportagem acima, é visível a referência à rivalidade com a dupla Gre-Nal. Também aparece, claramente, a alusão à importância dessa vitória para a cidade, remetendo à soberania de Caxias do Sul no futebol do interior gaúcho. A vitória do campeonato representa a menção não só a um futebol categórico, mas também a um enaltecimento da cidade em relação ao Rio Grande do Sul e uma suposta igualdade de importância frente à capital Porto Alegre⁴⁴.

3. 2009: derrota nos campos, vitória identitária

Diferentemente do ano 2000, o campeonato gaúcho de 2009 não encerrou positivamente para a S.E.R. Caxias no âmbito futebolístico. A tentativa de ir à final foi disputada contra o S.C. Internacional e o jogo foi marcado pela humilhação a que os colorados impuseram a S.E.R. Caxias. O primeiro tempo foi encerrado com o placar de 7x0 sobre a equipe caxiense. Na segunda etapa do jogo, o S.C. Internacional segurou-se para não ampliar a contagem do placar, que terminou em 8x1 para o time da capital. Em consequência da derrota, o jornal *O Pioneiro* publicou matéria dando uma ênfase negativa frente ao acontecido e ressaltou a igualdade da S.E.R. Caxias ao rival E. C. Juventude: “A dupla Ca-Ju se iguala no vexame. Agora ninguém pode cornetejar ninguém. O que nem de consolo serve para lado algum. De oito em oito, que rima com biscoito, o futebol caxiense vira migalhas”. (O PIONEIRO, 20 abr. 2009, p. 14)

A derrota, o apelo e a comparação ao E. C. Juventude, que no ano anterior havia perdido para o mesmo adversário e com o placar idêntico, incitaram uma união dos caxienses frente à rivalidade com os times da capital.

⁴⁴ Antes da conquista do E.C. Juventude (1998), as duas últimas equipes a vencer o campeonato gaúcho, além da dupla Gre-Nal, foram: o Renner de Porto Alegre em 1954 e o Riograndense de Rio Grande em 1939. Ver mais em: Revista da Federação Gaúcha de Futebol: Os Melhores Momentos, Edição Comemorativa aos 76 anos – 1918/1994. Porto Alegre, 1994.

Apesar da derrota nos campos, o campeonato gaúcho de 2009 representou um período de auto-afirmação dos ítalo-brasileiros perante o estado. A moral, um dos principais valores difundidos por tal grupo étnico, foi ressaltada na ocasião. Por ter efetivado um acordo de cavalheiros com a presidência do S.C. Internacional, o presidente da S.E.R. Caxias, Osvaldo Voges, abre mão da utilização de dois jogadores importantíssimos até então: o goleiro Daniel e o lateral esquerdo Muriel. Segundo ele, legalmente, os jogadores poderiam ser utilizados, mas a “palavra” teria que ser maior.

Ao definir esta prioridade, Osvaldo Voges pode ter prejudicado o time caxiense na disputa futebolística, no entanto, sua atitude ressalta frente a todo o estado que em Caxias do Sul a palavra ainda predomina. Esse fato reforça positivamente a identidade étnica ítalo-brasileira, tão remanescente na cidade. O orgulho de ser caxiense, ítalo-brasileiro que carrega consigo valores morais pautados no catolicismo, pode ter se sobreposto à conquista do título.

Aliado a esse reforço identitário, foi possível visualizar nas disputas realizadas no campeonato gaúcho de 2009 uma crescente rivalidade ante os times da capital. Tal rivalidade, alimentada de forma mais intensa a partir dos anos 90, deu origem ao movimento anti dupla Gre-Nal, particular às torcidas caxienses.



Ilustração 14: Foto da torcida organizada da S.E.R. Caxias (Falange Grená) acompanhando jogo do campeonato gaúcho efetivado na grande Porto Alegre. Fonte: Arquivo Pessoal P. P. C.

Com certeza o campeonato gaúcho de 2009 representou um espaço onde o reforço da identidade étnica ítalo-brasileira repercutiu claramente. Fica nítida a grande rivalidade gerada, principalmente, frente à capital⁴⁵ do estado. Esses reforços identitários visíveis também dentro da prática futebolística mostram a particularidade que este esporte denotou na construção identitária dos ítalo-brasileiros e na reafirmação positiva constante desse grupo étnico.

Essa prática identitária aparece vinculada a outras medidas aparentes na sociedade caxiense e na serra gaúcha no início do século XXI. O retorno da língua italiana⁴⁶ às escolas e o apelo constante da mídia aos feitos dos descendentes de imigrantes italianos, essencialmente os caxienses, demonstram a necessidade de elevar a cidade e o referido grupo étnico.

⁴⁵ Esta rivalidade manifesta-se, essencialmente, frente à capital do Estado devido à grande repercussão positiva, econômica e cultural, que a mesma tem em relação ao Rio Grande do Sul e ao país. Dessa forma, Porto Alegre poderia representar uma suposta ameaça em relação à proeminência da identidade étnica dos ítalo-brasileiros, já que, tanto no âmbito futebolístico como no econômico, a capital do estado se sobressai à Caxias do Sul.

⁴⁶ Especificamente, o retorno da língua italiana na escola deu-se na cidade de Fagundes Varela, município pertencente à microrregião de Caxias do Sul (IBGE, 2008). Tal medida aparece dentro de uma tentativa, por parte do governo federal, de manter a cultura dos europeus no país (O PIONEIRO, 20, 21, mai. 2000, p. 02).



Ilustração 15: Capa da matéria publicada pelo jornal *O Pioneiro* de Caxias do Sul, enaltecendo os descendentes de imigrantes italianos e seu legado frente à sociedade. Fonte: *O Pioneiro*, 20, 21 mai. 2000, capa.

Percebe-se, na imagem acima, a relação do ítalo-brasileiro com o desenvolvimento e progresso do estado do Rio Grande do Sul. A positividade de pertencer a este grupo étnico e retomar as raízes, como a língua italiana, aparece junto à inserção dos ítalo-brasileiros ao mundo globalizado, numa espécie de “Tradução”, de acordo com Stuart Hall (2006). Neste sentido, o autor escreve:

[...] aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* [grifo do autor] para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. (HALL, 2006, p. 88)

Assim, esses descendentes de imigrantes italianos construíram suas cidades, seus costumes e hábitos a partir dos intercâmbios culturais que eles mesmos fizeram entre o Brasil e a Itália desde que aqui chegaram. O futebol, sendo uma prática popular e mundialmente reconhecida, entra neste jogo de construção de subjetividade e de pertencimento étnico como uma via importante para afirmação e divulgação da identidade étnica ítalo-brasileira. As marcas remanescentes no

campeonato gaúcho 2009 e na S.E.R. Caxias do Sul, especificamente, mostram a particularidade com a qual a prática futebolística se insere no campo das tentativas de coesão identitária dos ítalo-brasileiros.

ÚLTIMAS PALAVRAS

As ações para fortalecer os laços de pertencimento entre os ítalo-brasileiros foram uma constante desde a chegada dos imigrantes italianos ao Brasil. No que tange à demarcação de sua identidade étnica, a história desses imigrantes é permeada de altos e baixos. Eles apropriaram-se de algumas práticas a fim de promoverem a afirmação dos imigrantes frente à nação, como que num apelo para que também fossem considerados brasileiros. O futebol adentra esse contexto como uma prática essencial para a manutenção e divulgação dos valores representativos dos ítalo-brasileiros.

Especificamente em Caxias do Sul, essa apropriação pôde ser vista através das atividades sócio-recreativas vinculadas ao futebol desde seu surgimento na cidade. Bailes, jogos e atividades culturais relacionadas à identidade étnica ítalo-brasileira sempre estiveram agregadas ao contexto futebolístico caxiense.

Tomando como campo empírico a Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul, denotou-se claramente a forte apropriação do futebol para demarcar os costumes e valores ítalo-brasileiros. O enaltecimento da cidade e a necessidade de mostrar nas cores, no futebol e na emergência do clube o quanto Caxias do Sul foi desenvolvida pelo trabalho destes descendentes de imigrantes foram, com certeza, algumas das premissas que circundaram e fizeram a história da S.E.R. Caxias.

Essa constatação se justapõe à concepção cultural do futebol, que o visualiza como uma prática híbrida, permeada de significados e representações diferenciadas pelo território nacional. Por outro lado, contrapõe-se à visão banalizadora defendida por muitos autores, que têm como base a década de 70, na qual o Brasil vivia a ditadura militar e algumas facções políticas acreditavam que a vitória do time brasileiro poderia ocultar da grande massa o que realmente se sucedia com a política da época. Este único fator, porém, torna-se infundado para determinar o futebol como mero instrumento de alienação, participante da famosa política do “pão e circo”. Além de que, como denota Roberto Da Matta (1992), esse ponto de vista contribui para a compreensão do futebol como desvinculado da sociedade, ou seja, futebol e sociedade encontrar-se-iam em oposição, como se o primeiro fosse prejudicial ao segundo.

Voltando-se para as diferentes apropriações da prática futebolística em âmbito nacional, pode-se dizer que o futebol contribui para a afirmação de identidades isoladas estando, portanto, diretamente vinculado com a cultura e o local onde ele acontece. Os ítalo-brasileiros apropriaram-se dessa prática como um dos meios de construção e afirmação de uma identidade étnica que se encontrava desestruturada ao pisarem em território nacional (ZANINI, 2007).

A prática do futebol, com certeza, foi um recurso muito utilizado pelos descendentes de italianos em Caxias do Sul para a demarcação de seus costumes e valores morais e culturais. Devido à grande abrangência e popularidade dessa prática, a possibilidade de ultrapassar as barreiras geográficas e culturais para o enaltecimento dos ítalo-brasileiros era uma realidade. Desde o Grêmio Esportivo Flamengo até a S.E.R. Caxias esta prerrogativa foi uma constante.

Essa apropriação um tanto particular fez do futebol em Caxias do Sul, e especificamente da S.E.R. Caxias, um marco identitário e mediador dos feitos positivos dessa identidade. Criou-se um vínculo direto entre o clube em questão e a identidade ítalo-brasileira, o qual é visível até hoje.

Tal premissa vem ao encontro do que Stuart Hall (2006) aponta ao dissertar sobre as identidades no mundo globalizado. O autor afirma que quanto maior a incitação por uma identidade mundial, globalizada, maior é o fechamento dos pequenos grupos locais para identidades “estranghas”. A globalização tenderia a tecer um fluxo no sentido inverso ao da aceitação, gerando o fechamento da alteridade⁴⁷ e o reforço de tradições⁴⁸.

O que iniciou também como um meio de se colocar como “brasileiros”, hoje é visto como demarcador de uma identidade exclusiva daqueles que desenvolveram e representam a cidade do clube. O próprio mascote da S.E.R. Caxias, o Radicci,

⁴⁷ O conceito de alteridade é abordado aqui a partir da perspectiva de Cliford Geertz. No seu ponto de vista o autor coloca a alteridade como sendo a relação com o outro dentro do contexto social. Uma relação de aceitação das diferenças tanto sócio-política como étnico-culturais. Ver mais em GEERTZ, Clifford. **Os Usos da Diversidade.** *Horizontes Antropológicos*, ano 5, n. 10. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 1999.

⁴⁸ Stuart Hall trabalha com o conceito de tradição instaurado por ROBINS, 1991. Nesse sentido, a tradição é colocada como a tentativa de algumas identidades em recuperar sua autenticidade, sua pureza que teria sido perdida. Maiores apontamentos em: HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

representado na figura de um colono descendente de italianos, corrobora tal assertiva, já que sua imagem sinaliza para a demarcação identitária que, através da S.E.R. Caxias, é emanada pelos ítalo-brasileiros atualmente.

Dentro dessa perspectiva, é imprescindível ressaltar os perigos dessas “afirmações identitárias”. Félix Guatarri, já em 1986, apontava para os desvios dos discursos em volta da identidade cultural. O autor coloca o conceito de cultura e identidade cultural como sendo reacionários no sentido de que produzem subjetividades capitalísticas. Tais subjetividades são produzidas a partir do desejo individual, de modo a atenderem às necessidades consumistas do capital. Partindo desse movimento se criou a noção de identidade cultural, a qual, segundo o autor, “tem implicações políticas e micropolíticas desastrosas, pois o que lhe escapa é justamente toda a riqueza da produção semiótica de uma etnia, de um grupo social ou de uma sociedade” (GUATARRI; ROLNIK, 1986, p. 73).

A principal problemática dentro dessa contextualização está no erro em pensar que haveria uma universalidade negra, branca, ítalo-brasileira ou de qualquer outro grupo. A partir dessa premissa, movimentos como os vinculados aos negros, homossexuais e feministas, se ligam também ao perigo de tomarem posturas essencialistas que negam as diferenças, a alteridade. Esses movimentos podem, portanto, traçar um rumo avesso ao do entendimento e aceitação de particularidades relacionadas a tais grupos.

Nesse caminho é interessante salientar algumas manifestações étnicas reacionárias que têm ocorrido no mundo atualmente. José Saramago, em reportagem publicada pelo jornal italiano *Il Fatto Quotidiano* em 14 de outubro de 2009, remete ao crescimento do fascismo na Europa afirmando que, nos próximos anos, ele atacará com força.

O quadro relatado por Saramago não é restrito à Europa, já que algumas manifestações ligadas ao nazifascismo adentram, aos poucos, o cotidiano brasileiro. Apesar de silenciosos e ainda tímidos frente aos veículos de comunicação, alguns grupos já apresentam certa organização no que tange à difusão de seus valores e preceitos étnicos reacionários e racistas. A Folha de São Paulo – Agência Folha,

jornal curitibano, publicou em setembro de 2005 uma matéria relatando panfletagem racista no centro histórico da cidade.

Adesivos que pregam a separação racial apareceram colados em postes, placas de trânsito e fachadas de prédios públicos do centro histórico de Curitiba (PR). A primeira panfletagem foi notada no domingo, durante a festa religiosa da igreja da Ordem. Em fundo amarelo e letras na cor preta, o adesivo traz impresso os dizeres “Mistura racial? Não, Obrigado!” e é assinado por um grupo que se autodenomina “Orgulho Branco” (Folha Online, 21 set. 2005).

Nota-se no trecho acima, a emergência clara de grupos de ativismo pró-branco no Brasil. Tal acontecimento pode ser reflexo das políticas mundiais de alteridade. A miscigenação, vista como ameaça, torna-se um perigo identitário para esses grupos que, com o receio de perderem sua “pureza”, tendem a repelir outras etnias. No caso acima, é claramente denotada a diferenciação por raças. No entanto, esse repúdio pode aparecer em termos culturais, morais, religiosos e de organização social.

Remetendo-se ao estado gaúcho, já em 16 de setembro de 2007, a polícia militar efetuou a detenção de três torcedores do Grêmio F.B.P.A. por esfaquearem um representante do movimento punk. Junto aos torcedores foram encontradas bandeiras com o símbolo do time inserido na suástica, o símbolo da Alemanha nazista (ESTADÃOONLINE, 2007).

Analizando-se os dois fatos acima, fica evidente o crescimento dos movimentos nazifascistas no Brasil, o que coaduna as colocações de Saramago (2009) em relação à Europa. Este contexto nos leva a uma conotação interessante e preocupante: os perigos da identidade seja ela, cultural e/ou étnica. Nesse caminho ela se torna reacionária provocando o fechamento dos grupos, já que não se reconhecem os devires (GUATARRI, 1986)⁴⁹ dos grupos minoritários na sociedade.

Apesar da importância que se adentrou à S.E.R. Caxias para a construção e afirmação da identidade ítalo-brasileira, é importante atentar para os perigos desse tipo de afirmação étnica. Ao mesmo tempo em que afirma a italianidade brasileira,

⁴⁹ Félix Guatarri coloca que a problemática da questão da demarcação de uma identidade não está em instaurar uma “ditadura” acerca da identidade que está sendo afirmada, mas sim em compreender os devires do referido grupo frente à sociedade. Para o autor, é esse entendimento que levaria a um entrelaçamento entre os diferentes grupos étnicos, sociais e culturais, na sociedade. Ver mais em GUATARRI, Feliz; ROLNICK, Suely. **Cartografias do Desejo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

pode acarretar um fechamento do grupo étnico, gerando preceitos de divisão racial, cultural, étnica ou social, o que sucede com a problemática dos conceitos de cultura e identidade cultural atentados por Guatarri (1986).

Algumas manifestações colocadas aqui, como o mascote do clube, o movimento anti Gre-Nal e as colocações da torcida, apontam para um possível fechamento da identidade étnica ítalo-brasileira. Tendo sofrido preconceitos desde sua chegada ao Brasil, os ítalo-brasileiros atravessaram as intempéries e obtiveram a afirmação de sua identidade étnica. O futebol, especificamente a S.E.R. Caxias, foi participante ativo e imprescindível nesse processo. No entanto, torna-se necessário atentar ao perigo do enaltecimento dessa identidade étnica no que tange ao repúdio da alteridade e das diferenças. Afinal, diariamente vemos exemplos de práticas e discursos sectários, dogmáticos e fundamentalistas disseminando-se pelo mundo. E não raramente se manifestam através do futebol. Assim, de forma gradativa, é preciso desapegar-se da visão romântica frente às questões identitárias.



Ilustração 16: Foto de 07/12/2009. Rua do Rosário, em Caxias do Sul. Referente ao movimento racista Orgulho Branco. Pichação presente em diferentes locais da cidade. Fonte: Arquivo Pessoal P.P.C.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul (Sociais) 4º TOMO.** 1. ed. Caxias do Sul: São Paulo, 1966.
- ARAÚJO, José Renato de Campos. **O Palestra Itália e sua Trajetória: associativismo e etnicidade.** *Revi. Bras. Est. Pop.* 1997, vol. 14, n. 1\2, p. 19-50.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara. Nota sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BERTONHA, João Fábio. **O Brasil, os imigrantes italianos e a política externa fascista, 1922-1943.** *Rev. bras. polít. int. [online].* 1997, vol. 40, n. 2, p. 106-130. ISSN 0034-7329
- COIMBRA, Cecília Maria Bouças. **Tortura ontem e hoje: resgatando uma certa história.** *Psicologia em Estudo.* Maringá: v. 6, n. 2, p. 11-19, jul/dez. 2001.
- CÔRTEZ, Gustavo. **Clássico CA-JU: paixão e rivalidade.** 1. ed. Caxias do Sul: Maneco, 2008.
- DA MATTA, Roberto. et al. **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: Pinakothek, 1992.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Erick. **A Busca da Excitação.** Lisboa: Difel, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** 22. ed. São Paulo: Graal, 2006.
- GARDELIN, Mário. **S.E.R Caxias do Sul: 44 anos de constância e valor.** 1. ed. Caxias do Sul: Gráfica da UCS, 2000.
- GEERTZ, Clifford. **Os Usos da Diversidade.** *Horizontes Antropológicos*, ano 5, n. 10. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 1999.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. 2. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOELLNER, Silvana. **Na “Pátria das Chuteiras” as mulheres não têm vez**. In: Fazendo Gênero, 7., 2006, Florianópolis.

GUATARRI, Feliz; ROLNICK, Suely. **Cartografias do Desejo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARIN, Jérri Roberto. **"Ora et labora". O projeto de Restauração Católica na ex-Colônia de Silveira Martins**. 1993. 119f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MAZZO, Janice Zarpellon; FROSI, Tiago Oviedo. **Em busca da Identidade Luso-Brasileira no Associativismo Esportivo em Porto Alegre no princípio do século XX**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 30, n. 2, p. 57-72, jan. 2009.

MICHELIN, Francisco. **Assim na Terra como no Céu**. 7. ed. Porto Alegre: Sagra – DC- Luzzatto, 1997.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um Futebol de Fronteira**. 1. ed. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 2004

RAGO, Margareth. **As Marcas da Pantera: Foucault para historiadores. Resgate Revista de Cultura**. n. 5, p. 22-32, 1993.

SEYFERTH, Giralda. **A Assimilação dos Imigrantes como Questão Nacional. Mana**, v. 3, n. 1, p. 95-131, 1997.

SIMSON, Olga Von. **O Samba Paulista e suas Estórias**. Sarao: Campinas. V. 3, n. 2, 2004.

TRENTÓ, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil.** 1. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1989.

ZAGO, Vítorio Luis Oliveira. **Futebol em Campinas: a história e evolução do dérby campineiro na sociedade e imprensa de Campinas.** 2002. 378f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) Instituto de Artes - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Um olhar antropológico sobre fatos e memórias da imigração italiana.** *Mana*, Out 2007, vol.13, no.2, p.521-547. ISSN 0104-9313

Fontes Empíricas:

Atas:

S.E.R. CAXIAS DO SUL, Livro 01. Ata 02.

_____, Livro 01. Ata 03.

_____, Livro 01. Ata. 08

_____, Livro 01. Ata 09.

_____, Livro 01. Ata 10.

_____, Livro 01. Ata 12.

_____, Livro 01. Ata 13.

_____, Livro 01. Ata 18.

_____, Livro 01. Ata 24.

_____, Livro 01. Ata 26.

_____, Livro 01. Ata 32.

_____, Livro 01. Ata 33.

_____, Livro 01. Ata 37.

_____, Livro 01. Ata 100.

_____, Livro 01. Ata 101.

_____, Livro 01. Ata 102.

- _____, Livro 01. Ata 106.
_____, Livro 01. Ata 111.
_____, Livro 01. Ata 123.
_____, Livro 01. Ata 138.
_____, Livro 01. Ata 145.
_____, Livro 01. Ata 149.
_____, Livro 02. Ata 63.
_____, Livro 02. Ata 69.

Decretos:

BRASÍLIA. Decreto 1441, de 8 de fevereiro de 1937. Dispõe sobre o Sello Penitenciário e a Inspetoria Geral Penitenciária. **Diário Oficial da União**, Brasília, n. 01. p. 3445, 1937.

Estatutos:

Associação Caxias de Futebol, Tít. III, cap. III, Art. 27º

Associação Caxias de Futebol, Tít. VII, cap. Único, Art. 76º

Associação Caxias do Sul de Futebol, Tít. VII, cap. único, Art. 77º

Jornais:

- A ÉPOCA**, Caxias do Sul. 31 mai. 1942
_____, Caxias do Sul. 14 jun. 1942.
_____, Caxias do Sul. 05 jul. 1942.
_____, Caxias do Sul. 21 jul. 1942.
_____, Caxias do Sul. 23 ago. 1942.
_____, Caxias do Sul. 04 jul. 1948.

A TRIBUNA, Caxias do Sul. 02 set. 1920.

JORNAL DE CAXIAS, Caxias do Sul. 14 abr. 1973.

_____, Caxias do Sul. 05 mai. 1973.
_____, Caxias do Sul. 29 set. 1973.
_____, Caxias do Sul. 18 mai. 1974.
_____, Caxias do Sul. 11 set. 1974.
_____, Caxias do Sul. 24 nov. 1974.

JORNAL DO PROGRESSO, Caxias do Sul. jul. 1970.

O BRAZIL, Caxias do Sul. 1919.

O MOMENTO, Caxias do Sul. 1º ago. 1935.
_____, Caxias do Sul. 22 ago. 1935.
_____, Caxias do Sul. 05 set. 1935.
_____, Caxias do Sul. 14 fev, 1938.
_____, Caxias do Sul. 23 mai. 1938.
_____, Caxias do Sul. 29 jan. 1944.
_____, Caxias do Sul. 24 jun. 1944.
_____, Caxias do Sul. 07. jun. 1947.
_____, Caxias do Sul. 04. out. 1947.
_____, Caxias do Sul. out. 1947.
_____, Caxias do Sul. 06. dez. 1947.
_____, Caxias do Sul. 13 dez. 1947.
_____, Caxias do Sul. 24 dez. 1947.
_____, Caxias do Sul. fev. 1950.

O PIONEIRO, Caxias do Sul. 25 dez. 1953.

_____, Caxias do Sul. 09 jan. 1954
_____, Caxias do Sul. 06 dez. 1975.
_____, Caxias do Sul. 08 mai. 2000.
_____, Caxias do Sul. 20, 21 mai. 2000.
_____, Caxias do Sul. 17, 18 jun. 2000.
_____, Caxias do Sul. 22 jun. 2000.

_____, Caxias do Sul. 20 abr. 2009.

ZERO HORA, Porto Alegre. 14 abr. 2009.

Revistas:

Revista da Federação Gaúcha de Futebol: Os Melhores Momentos, Edição Comemorativa aos 76 anos -1918/1994. Porto Alegre, 1994

Sites:

DIVISÃO TERRITORIAL DO BRASIL: “Divisão Territorial do Brasil e Limites Territoriais. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 27 jan. 2010.

ESTADÃO: “PM Identifica Movimento Neonazista em Torcida do Grêmio”. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,pm-identifica-movimento-neonazista-em-torcida-do-gremio,59388,0.htm> Acesso em: 15 out. 2009.

FOLHAONLINE: “Adesivos em defesa da separação racial são espalhados por Curitiba”. Disponível em: <http://www.folha.uol.com.br/cotidiano/ult95u113319.shtml>. Acesso em: 20 nov. 2009.

IL FATTO QUOTIDIANO: “L'allarme Del Nobel portoghese Saramago: attenti il fascismo è alle porte”. Disponível em: <http://www.listacivica-quastallaliberata.org/2009/10il-fatto-quotidiano-scandallo-all-a-camara-la-settimanadura-solo-4-ore/>

Acesso em: 05 dez. 2009.

Coleções Particulares:

- Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul João Spadari Adami (manuscrito de João Spadari Adami / jornais / acervo de fotos / banco de memória).

- Coleção de Fotos de Jorge Roth.
- Coleção de Fotos Priscila Postali Cruz.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.